

NA TRILHA

do Grupo de Jovens

Como desenvolver a participação social no grupo de jovens?



CCJ

Centro de Capacitação da Juventude

Organização:
Vanildes Gonçalves dos Santos
Hugo Leonnardo Cassimiro
Keila Cristina Alves

1ª Edição
São Paulo, 2007



Apresentação

*"Jesus subiu a montanha e chamou os que ele quis; e foram a ele.
Ele constituiu então doze, para que ficassem com ele
e para que os enviasse a anunciar a Boa Nova,
com o poder de expulsar os demônios"
(Mc 3, 13-15).*

A Igreja do Brasil, numa proposta desafiadora, quis debruçar sobre a realidade da juventude. Ousou motivar pessoas, grupos e instituições diversas para fazer o mesmo. O tema "Evangelização da Juventude" foi abordado em seminários nacionais, regionais e locais por especialistas, pastoralistas e pessoas comprometidas com a causa da juventude.

A Rede Brasileira de Institutos de Juventude, em sintonia com a 44ª e a 45ª Assembléia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil que teve como tema central a Evangelização da Juventude - participou deste processo dando contribuição significativa. Em comunhão com a Igreja e respondendo ao clamor da juventude brasileira por subsídios atualizados, realizou o Seminário Nacional de elaboração de materiais para grupos de adolescentes e jovens. Frutos deste seminário, que contou com a participação de mais de uma centena de lideranças entre assessores, membros de institutos, congregações e pesquisadores engajados no mundo juvenil, começam agora a serem publicados.

Nossa alegria é imensa por apresentar esta ferramenta que cuida com carinho da vida grupal, tal como a mãe cuida de seus filhinhos! Este material era esperado pela juventude! Alegria maior ainda é poder corresponder à necessidade juvenil de material para seus encontros. Encontros que contribuem no processo de evangelização da juventude, além de ser uma proposta mais unificada de caminho para os grupos de jovens e adolescentes de nossas comunidades, das pastorais de juventude, da pastoral vocacional, dos movimentos eclesiais, das novas comunidades, das congregações, de preparação para a crisma, enfim, material que oferece possibilidade ampla, com linguagem bíblico-pastoral para a vida cotidiana de um grupo eclesial.

Alguns valores, já na preparação do material, orientavam as muitas mãos que se juntavam para produzir estes pontos de encontro. Valores que, no desenvolvimento dos temas, são abordados com simbologia e linguagem próprias à juventude:

- partindo da atenção ao tema dos direitos,
- priorizando a vida da juventude por meio de alternativas grupais,
- passando pelo oferecimento de instrumentos para a construção do Projeto de vida,
- respondendo às necessidades apresentadas no documento nº. 3 de Publicações da CNBB - “Evangelização da Juventude - Desafios e Perspectivas Pastorais” de consideração das várias expressões juvenis,
- apontando um caminho fértil para o discipulado e missionariedade da juventude,
- sendo resposta de vida para a juventude se organizar e exercer sua missão na Igreja e no mundo.

Na trilha do grupo, desejamos que o coração da juventude possa sempre arder com a mesma intensidade que ardeu nos discípulos de Emaús ao caminhar, retomando a história, reconhecendo a presença de Jesus em seu meio, alimentando-se Dele e partindo para anunciar a Boa Notícia.

Campo Grande, julho de 2007.

D. Eduardo Pinheiro da Silva, SDB
Bispo Auxiliar de Campo Grande, MS
Responsável pelo Setor Juventude da CNBB.



*É preciso ensinar às nossas bocas
uma canção de clarear.
(Pedro Tierra)*

Que material é este?

Este material deseja ser um instrumento para que os grupos de jovens, independente da fase em que estejam e quantos anos tenham, possam refletir juntos sobre as dimensões da pessoa, com destaque especial à dimensão Política. Uma pessoa “consciente” é uma pessoa que sabe onde está, sabendo fazer uma leitura de tudo que a rodeia. Essa pessoa não é ingênua e sabe ver o que está por detrás do cenário. É “crítica”, isto é, sabe fazer uma “leitura” dos fatos, distinguindo o que é de vida para alguns e o que é de vida para todos/as.

Desejamos oferecer um caminho que possibilite os/as jovens a fazerem uma experiência e viverem um Processo de Educação na Fé que considere a pessoa do/a jovem e suas relações e que os/as leve ao crescimento e amadurecimento da fé. Mais ainda: que esse amadurecimento seja traduzido na participação, no engajamento e no apoio às ações desenvolvidas em vista da transformação da realidade para um outro mundo possível, onde a cidadania, a ética, a solidariedade e os direitos sejam a base para que aconteçam, de fato, novas relações em todos os níveis.

Por isso, embora a prioridade deste subsídio seja a dimensão política, todas as demais dimensões (Psico-afetiva, psico-social-cultural, mística e técnica) estarão presentes. Isso pode ser constatado na forma como os roteiros estão organizados e elaborados, com técnicas e dinâmicas, textos, músicas, orações e outros elementos.

É de suma importância considerar, no trabalho de formação e evangelização da juventude, a linguagem. A juventude é diversa; diversas são, também, as formas de expressão e o jeito de se comunicar (símbolos, músicas, gestos, vestimentas...). Por isso, tentamos considerar elementos presentes na linguagem da juventude.

Linguagem bíblico-pastoral

Outra questão importante e que inspira o trabalho com a juventude cristã é a linguagem bíblico-pastoral, ou seja, a presença inspiradora dos textos da Bíblia, memória da experiência histórica de fé que um povo faz com Deus e com Jesus.

Toda a coleção deseja estar marcada com essa linguagem bíblico-pastoral. O processo de conscientização tem seu chão na experiência feita por Jesus e seus amigos/as na cidade de Jerusalém, marcada por conflitos. Jerusalém, a cidade santa, é o centro religioso e espiritual das religiões judaica, cristã e islâmica. Lugar da perseguição e provação, do poder, da dor. Como diz Carlos Mesters, Jerusalém é o “lugar onde não brilhou a estrela dos Magos, mas brilha a Cruz”. Espaço de poder e de confronto e, portanto, de maturação e de tomada de consciência: do lugar onde se está, conhecer a realidade e poder confrontá-la, nas conseqüências das ações e falas... Lugar do enfrentamento com as autoridades. Não se negam os conflitos; eles são enfrentados, não parando neles, buscando a luz. Lugar da dor, das tramas, das traições, da descoberta das verdades... Lugar de ser acompanhado pelas mulheres corajosas e solidárias. Lugar de “dar a vida” (pão, corpo e sangue), de se entregar por uma causa, de assumir as conseqüências do projeto assumido e, por fim, para começar, lugar da Ressurreição, onde a memória feita pelos seus amigos e amigas faz a vitória acontecer... Ressurreição¹.

Jerusalém não é só um lugar; é uma dimensão da vida que nos toca viver. Escolhemos Jerusalém como fonte inspiradora da Conscientização porque é ali, em Jerusalém, que ficam claras muitas coisas para sermos mais felizes e mais fortes.

Os “pontos” das TRILHAS que apresentamos estão construídos, portanto, com esta inspiração. Somos jovens seguidores/as de Jesus que, como Ele e seus/suas discípulos/as, temos que estar presentes e atentos à realidade, enfrentar com coragem e sabedoria os poderes opressores que machucam a vida do povo. Por isso, é preciso capacitar nosso olhar para contemplar a realidade. Uma contemplação que nos leva a ficar inquietos/as e incomodados/as frente à realidade cruel de exclusões, tornando-nos capazes de indignar-nos diante dessa realidade. Uma indignação que não nos deixa isolados/as em nossa “vidinha”, preocupados com a “nossa” salvação, mas

¹É de utilidade ler, mais vezes, o Anexo “Jerusalém, um lugar e uma dimensão”, no final deste subsídio.

que nos faz abrir a boca e comunicar as situações que vemos e gritarmos que não é assim que Deus quer ver seu povo. Uma comunicação que denuncia as situações de dor e violência e anuncia a Boa Notícia do Evangelho: o Reino de Deus, Vida em abundância para todos/as, um outro mundo possível. Estamos conscientes de que falta muito, mas temos certeza de que a riqueza dos grupos vai completá-los com muita inspiração.

“Ninguém conscientiza ninguém”. A gente se conscientiza juntos. Por isso a proposta do subsídio é de vivermos e refletirmos os assuntos ligados às questões sociais e políticas da vida, juntos, em grupo, como um lugar privilegiado de educação na fé, dentro da mística daquilo que significa “Jerusalém”.

Como o subsídio está organizado

O presente subsídio está organizado em cinco TRILHAS, explorando quatro aspectos da mística de Jerusalém:

- 1) Tecendo relações novas. Na Jerusalém que sonhamos deve haver grandes mudanças no campo das relações, tanto com o universo como com as pessoas;
- 2) Passos em direção a relações de paz. A Jerusalém que desejamos viver sonha com paz. Uma paz que não seja fuga nem romantismo; mas uma paz que seja para todos, isto é, seja de justiça;
- 3) Globalização e Comunicação. Eis uma grande novidade para a mística que nos move. Temos a graça de viver num mundo que se “comunica” de forma maravilhosa. Como cristãos, contudo, queremos uma globalização que seja de todos e uma comunicação que não se transforme em solidão global;
- 4) Participação Popular e Políticas Públicas. Na Jerusalém sonhada, uma das grandes características é a participação e uma política que seja expressão do povo. Não cremos numa sociedade onde as coisas são apresentadas como “prontas” e sem discussão. O Reino no qual acreditamos é de participação;
- 5) Munindo-nos para um serviço inteligente da fé. Encaramos, nessa Trilha, dois aspectos: a questão da análise de conjuntura, importante para sermos inteligentes na Jerusalém sonhada, e a relação entre fé e política.

Jerusalém é o lugar do exercício do poder e precisamos aprender a fazer da política uma dimensão de nossa vocação batismal. Tudo isso é desenvolvido em vários PONTOS para serem trabalhados nas reuniões do grupo. Claro que não é algo completo, mas são aspectos da mística que Jerusalém nos inspira.

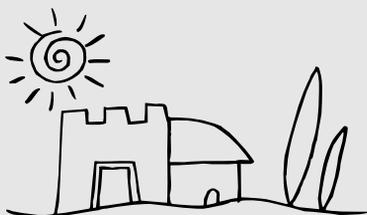
Depois dos subsídios da reunião existem os anexos, onde podem ser encontrados músicas, textos para preparação, aplicação e aprofundamento do tema, danças circulares, sugestões de filmes, de sítios (sites) e de outros subsídios que podem ajudar no estudo do tema.

Recado para a coordenação

É importante que os encontros sejam preparados com antecedência, fazendo a leitura dos textos propostos (da Bíblia, ou não) e organizando os materiais indicados para serem usados durante a reunião. No início de cada roteiro encontra-se a lista do material a ser utilizado.

É isso aí, meninos e meninas. Aproveitem o material, fruto de muitas reflexões e de um esforço de muitas mãos: assessores/as jovens e adultos que, em mutirão.

Desejamos bom trabalho e que este material ajude a ensinar, a muitos jovens, uma canção de clarear.



TRILHA 01

tecendo novas relações

Iniciamos nossa construção da “Conscientização” encarando a necessidade de novas relações. Nós somos relação. Não só com as pessoas, mas também com o universo do qual participamos. Precisamos crescer em “consciência ecológica”. A “casa” em que vivemos exige cuidados que a humanidade está esquecendo. Precisamos tecer novas relações.

Começamos, por isso, a falar de coisas muito concretas. Na Jerusalém que desejamos viver, muita coisa precisa de atenção e responsabilidade. Iniciamos pensando, primeiramente, no primeiro ponto, naquilo que “sobra”. Para a nossa mãe natureza e o universo ter condições de ser nossa “casa”, há muitas coisas às quais precisamos estar atentos/as.

O segundo “ponto” refere-se à urgência de empenhar-nos na construção de novos homens e de novas mulheres. Muita novidade está esperando no campo das relações entre as pessoas. Corremos o risco de sermos “fechados/as” e não sabermos ler os gritos de novidade que esse campo das relações está apresentando. Há a necessidade de uma nova ternura, superando de vez machismos e dominações que não colaboram para a felicidade do universo.

Outro “ponto” fala do ingresso, na vida do mundo, do respeito às diferenças. Deus se esmerou na criação de diferenças que teimamos, para nossa desgraça, em “igualar”. A reflexão vai levar-nos à riqueza do encontro de Jesus Cristo com a samaritana. Jesus Cristo estava a caminho de Jerusalém, assim como nós. Precisamos mover-nos melhor na riqueza do diferente.





1º Ponto

Reduzir, reaproveitar
e reciclar:
Por uma nova
relação com
a natureza.

Objetivo DO ENCONTRO

Despertar o/a jovem para a importância de cuidar do meio ambiente, percebendo a importância do processo de reciclagem no cotidiano e sua influência positiva no meio ambiente.

Material

- Fotos, revistas e jornais para recortar, Bíblia, materiais recicláveis e materiais produzidos pela reciclagem (mobilizar algumas pessoas do grupo a trazerem, para a reunião, materiais recicláveis e objetos produzidos a partir de reciclagem), palavras: vida, saúde, natureza, compromisso, novo céu, nova terra, um outro mundo é possível, cuidado com o meio ambiente... escritas em tiras de papel, papel chamex, canetinhas ou giz de cera, cartolinas, tesoura, cola, fita adesiva.

Ambientação

- Cadeiras em círculo. O ambiente pode estar preparado com várias fotos de jovens em todas as situações: alegres, tristes, em grupo, sozinhos, com os adultos, em manifestações, em escola, na zona rural...

1. Acolhida

As pessoas são acolhidas com boas-vindas. A coordenação apresenta o tema da reunião e o objetivo.

2. Relembrando o ponto anterior

O que, do encontro passado, trazemos como memória para nosso encontro de hoje? (Se houver alguma tarefa ou compromisso assumido no encontro anterior, é o momento de verificar).

3. Olhando para a realidade

As pessoas são convidadas a fazer uma caminhada pela sala, olhando o ambiente. O que vejo? O que me chama mais a atenção? Que sentimentos essas imagens causam em mim? O que tenho vontade de dizer diante disso? Dar um tempo para a partilha e, depois, cantar juntos: anexo 1.

A conversa continua com as seguintes questões:

- Você sabe o que é coleta seletiva de lixo?
- Nossa comunidade faz algo neste sentido?
- Para onde vai nosso lixo?

(Aproveitar a reflexão *A Solução é Reduzir, Reaproveitar, Reciclar* - anexo 4).



4. À Luz da Palavra de Deus

Vamos ver que a Bíblia tem muito a nos ensinar quanto a esse assunto que estamos vendo hoje. Tenhamos presente que está em jogo a nossa mística de Jerusalém. Qual a “nova Jerusalém” que está em nossos sonhos? O assunto não é simples. Está em jogo a capacidade de entender o sonho de Deus ao criar o universo.

- Dramatizar ou contar o relato da origem do mundo segundo Gênesis 1, 1-30;
- Um outro texto que pode servir de alimento para a reflexão é a carta do Apóstolo Paulo aos Romanos: cap. 8, 18-27.

a. Acolhida da Palavra, cantando o refrão:

“Desça como a chuva, a tua palavra, que se espalhe como orvalho, como chuvisco na relva, como aguaceiro na grama, amém”.
(Ou outro refrão conhecido da comunidade).

b. Enquanto o grupo canta, a Bíblia é entronizada no meio da roda
(O lugar, onde ela ficará, pode ser arrumado com um pano colorido ou flores).

c. A partir da palavra de Deus, de que maneira nos responsabilizamos com o cuidado ao meio ambiente?

- Como se dá a relação com o meio ambiente no texto?
- Trazendo o texto para os dias de hoje, como percebemos nossa relação com o meio ambiente?
(A partilha pode ser feita em trios ou duplas)

5. Assumindo o compromisso com a vida

Diante da realidade local e partindo das discussões realizadas, o grupo é motivado a elaborar ações práticas concretas de cuidado e compromisso com o meio ambiente (reciclagem de plástico, coleta seletiva de lixo, mutirão de limpeza na comunidade, etc.).

Sugestões:

À luz da reflexão sobre os “três Rs”, provocar um compromisso pessoal de fazer o exercício de cuidado com o mundo que Deus criou para todas e todos. Que tal reduzir o desperdício (como fechar a torneira ao escovar os dentes e o chuveiro enquanto passa o sabão no corpo...) e a produção de lixo? Que tal reutilizar tudo o que for possível (como papel, sacolas de plástico do supermercado, usar o lápis até o fim...)? Que tal reciclar ou encaminhar para reciclagem o que conseguirmos?

O(a) coordenador(a) motiva a todas e todos a escrever os compromissos assumidos.

Outras sugestões de ações:

- Procurar saber se existe o movimento dos catadores de material reciclável ou outro grupo, usina que recicla lixo e ir conhecer como é feito o processo de reciclagem e como o grupo pode contribuir para ajudar na reciclagem;
- Identificar as formas de coleta de lixo na comunidade;
- Conhecer as formas/possibilidades de reciclagem dos diversos tipos de lixo;
- Fazer contato com a prefeitura ou associação de bairro para verificar se existe algum material (cartilha, folheto,...) que fale sobre coleta seletiva de lixo e/ou reciclagem para ser distribuído na comunidade;
- Fazer uma manhã de caminhada pela comunidade com faixas, conversa com as pessoas sobre os cuidados com a natureza, apresentando e explicando sobre o “reduzir, reaproveitar e reciclar”, procurando que seja uma prática constante de toda a população.

6. Celebrando a vida

No centro, junto à Bíblia aberta, colocar materiais recicláveis e materiais produzidos pela reciclagem e palavras de estímulo como vida, saúde, natureza, compromisso, novo céu, nova terra, um outro mundo é possível, cuidado com o meio ambiente, etc.

Ler Gn:1,27-30.

Neste momento o grupo pode trazer os compromissos e colocá-los em volta da Bíblia.

Cantar ou rezar juntos “Mistérios”, de Zé Vicente, ou “Sal da Terra”, de Beto Guedes (anexo 2 e 3).

7. Avaliação

Em duplas, partilhar uma descoberta feita a partir da reflexão do tema de hoje. Em que o encontro de hoje ajuda a nossa vida? Tem algo que gostaria de sugerir para que os encontros sejam melhores?

8. Preparação do próximo encontro

A coordenação deve estar atenta para o que é preciso preparar para a próxima reunião. Se tiver alguma tarefa, motivar o grupo a fazê-la.





ANEXOS



Anexo 1

Música: "Xote ecológico"

Luiz Gonzaga

Não posso respirar, não posso mais nadar
A terra tá morrendo,
Não dá mais pra plantar
Se plantá não nasce, se nasce não dá
Até pinga da boa é difícil de encontrar
Cadê a flor que estava ali?
Poluição comeu.
E o peixe que é do mar?
Poluição comeu.
E o verde onde que está?
Poluição comeu.
Nem o Chico Mendes sobreviveu.



Anexo 2

Música: "Mistérios"

Zé Vicente

Todas as coisas são mistérios (4x)

1. O que me faz viver? O que me faz te amar?
Nem sequer porque eu penso em você, não
consigo explicar. O vento que sopra na rosa, a
luz que brilha em teu olhar. O que fere aqui
dentro do peito ao te beijar.

2. Por que tanta dor pela rua? Por que tanta
morte no ar? Por que homens promovem a
guerra em nome da paz? Por que o cientista
não mostra um jeito bem feito afinal. Que
seja vacina do amor contra o vírus do mal?

3. Aquele encontro surpreso, aquela emoção
ao te ver. Não me peça qualquer explicação,
eu não posso dizer. O que há de segredo
amanhã? O que vai ser do meu coração? Te
procuo, amor, por favor, neste instante o
que vale é a canção.





Anexo 3

Música: "Sal da Terra"

Beto Guedes

Anda, quero te dizer nenhum segredo
Falo desse chão, da nossa casa, vem que
tá na hora de arrumar
Tempo, quero viver mais duzentos anos
Quero não ferir meu semelhante,
nem por isso quero me ferir
Vamos precisar de todo mundo pra banir
do mundo a opressão
Para construir a vida nova vamos precisar
de muito amor
A felicidade mora ao lado e quem não
é tolo pode ver

A paz na Terra, amor, o pé na terra
A paz na Terra, amor, o sal da...
Terra, és o mais bonito dos planetas
Tão te maltratando por dinheiro,
tu que és a nave nossa irmã
Canta, leva tua vida em harmonia
E nos alimenta com teus frutos,
tu que és do homem a maçã
Vamos precisar de todo mundo,
um mais um é sempre mais que dois
Pra melhor juntar as nossas forças
é só repartir melhor o pão
Recriar o paraíso agora
para merecer quem vem depois
Deixa nascer o amor
Deixa fluir o amor
Deixa crescer o amor
Deixa viver o amor



 Anexo 4

Texto: A Solução é Reduzir - Reaproveitar - Reciclar

Um dos maiores problemas da sociedade moderna é a produção exacerbada de lixo, seja ele doméstico, urbano, industrial ou hospitalar (sem falar do lixo atômico e do espacial), devido ao aumento populacional, à corrida desenfreada do consumo de produtos, à ausência de políticas públicas preventivas e à escassez de recursos não renováveis. Felizmente a sociedade vem se organizando para combater este problema através de organizações não-governamentais (ONGs), comunidades, de particulares ou dos governos e políticos comprometidos com esta causa, uma vez que o ser humano vem refletindo sobre a reciclagem e reutilização de produtos, por ver aí duas importantes alternativas para a redução da quantidade de lixo no futuro, criando com isso bons hábitos de preservação do meio ambiente, o que leva à economia de matéria-prima e energia.

Podemos contribuir para melhorar ainda mais. Para isso, precisamos nos conscientizar, conhecer, praticar e difundir. Muito do que há em nossos lixos pode ser reaproveitado. Deveríamos primeiro reduzir a produção de lixo (evitando o desperdício); depois reaproveitar o máximo e finalmente reciclar.

O que é coleta seletiva e reciclagem?

Coleta seletiva: É separar o lixo para que seja enviado para reciclagem. Significa não misturar materiais recicláveis com o restante do lixo. Ela pode ser feita apenas por uma cidadã ou cidadão, individualmente, ou organizada em grupos, comunidades, condomínios, empresas, escolas, clubes, cidades, etc.

Reciclagem: É a atividade de transformar materiais já usados. Exemplo: papéis velhos retornam às fábricas e são reutilizados (tornam-se matéria-prima).

Alguns benefícios em reciclar: economia de energia; redução da poluição; geração de empregos; melhoria da limpeza e higiene da cidade; diminuição do lixo nos aterros e lixões; diminuição da extração de recursos naturais; menor redução de florestas nativas.

Alguns resultados da reciclagem

Ambientais: Os maiores beneficiados por esse sistema são o meio ambiente e a saúde da população. A reciclagem de papéis, vidros, plásticos e metais que representa 40% do lixo doméstico, reduz a utilização dos aterros sanitários,

prolongando sua vida útil. Se o programa de reciclagem contar, também, com uma usina de compostagem, os benefícios são ainda maiores. Além disso, a reciclagem implica uma redução significativa dos níveis de poluição ambiental e do desperdício de recursos naturais, através da economia de energia e matérias-primas.

Econômicos: A coleta seletiva e reciclagem do lixo doméstico apresentam, normalmente, um custo mais elevado do que os métodos convencionais. Iniciativas comunitárias ou empresariais, entretanto, podem reduzir a zero os custos da prefeitura e até produzir benefícios para entidades ou empresas. De qualquer forma, é importante notar que o objetivo da coleta seletiva não é gerar recursos, mas reduzir o volume de lixo, gerando ganhos ambientais. É um investimento no meio ambiente e na qualidade de vida. Não cabe, portanto, uma avaliação baseada unicamente na equação financeira dos gastos da prefeitura com o lixo que despreza os futuros ganhos ambientais, sociais e econômicos da coletividade. Em curto prazo, a reciclagem permite a aplicação dos recursos obtidos com a venda dos materiais em benefícios sociais e melhorias de infra-estrutura na comunidade que participa do programa. Também pode gerar empregos e integrar na economia formal trabalhadores, antes marginalizados.

Políticos: Além de contribuir positivamente para a imagem do governo e da cidade, a coleta seletiva exige um exercício de cidadania, no qual os cidadãos assumem um papel ativo em relação à administração da cidade. Além das possibilidades de aproximação entre o poder público e a população, a coleta seletiva pode estimular a organização da sociedade civil.

O problema do lixo não acaba quando o colocamos para fora de nossa casa. É aí que ele começa.



O que pode ser reciclado e o que ainda não pode?

Recicláveis

Ainda não

PAPÉIS

Caixa de papelão, jornal, revista, impressos em geral, fotocópias, rascunhos, envelopes, papel timbrado, embalagens longa-vida, cartões, papel de fax, folhas de caderno, formulários de computador, aparas de papel, copos descartáveis, papel vegetal, papel toalha e guardanapo.

Papel sanitário, papel carbono, fotografias, fitas adesivas, stencil, tocos de cigarro.

VIDROS

Garrafas de bebidas alcoólicas e não alcoólicas, bem como seus cacos; frascos em geral (molhos, condimentos, remédios, perfumes e produtos de limpeza); ampolas de remédios; potes de produtos alimentícios.

Espelhos, vidros de janelas, box de banheiro, lâmpadas incandescentes e fluorescentes, cristais; utensílios de vidro temperado; vidros de automóveis; tubos e válvulas de televisão; cerâmica, porcelana, pirex e marinex.

METAIS

Latas de alumínio (cerveja e refrigerante); sucatas de reformas; lata de folha de flandres (lata de óleo, salsicha e outros enlatados); tampinhas, arames, pregos e parafusos; objetos de cobre, alumínio, bronze, ferro, chumbo ou zinco, canos e tubos.

Clipes e grampos, esponjas de aço.

PLÁSTICOS

Embalagens de refrigerantes, de materiais de limpeza, de alimentos diversos; copos plásticos; canos e tubos; sacos plásticos; embalagens tetrapak (misturas de papel, plástico e metal); embalagens de biscoito.

Ebonite (cabos de painéis, tomadas).

Sugestão de sites que podem ser visitados: www.cempre.org.br; www.ajudabrasil.org.br; www.cecae.usp.br/recicla; www.lixoecidadania.org.br; www.natbrasil.org.br.

2º Ponto



Mulheres e Homens: Tecendo novas relações.



Objetivo DO ENCONTRO

Provocar no grupo uma reflexão sobre o feminino e o masculino, amadurecendo as relações na perspectiva de uma Terra Sem Males.

Material

Duas caixas (uma azul e uma rosa), que podem ser encapadas com papéis de presente nas cores indicadas, 20 tiras de papel, brinquedos (bonecas, bichinhos de pelúcia, carrinhos, bolas, pulseirinhas, soldadinhos, panelinhas, etc.), Bíblia.

Ambientação

Preparar o espaço da reunião de forma circular e, no centro, colocar as caixas azul e rosa. Entre elas, no chão, os brinquedos.

1. Acolhida

Iniciar com uma provocação, acolhendo primeiro as mulheres: "Bem-vindas!" e dar um tempo de uns 5 segundos para ver se os homens presentes irão reagir e, em seguida, acolhê-los: "E bem-vindos!". O/a coordenador/a apresenta o tema da reunião: na nova Jerusalém que desejamos construir e na mística de Jerusalém que desejamos viver, um outro assunto que não podemos deixar de tratar se quisermos "novas relações", é uma questão crucial vivida por todos nós é respondermos, com sinceridade e coragem, à pergunta sobre a relação homem e mulher.

2. Relembrando o ponto anterior

A coordenação motiva as pessoas a fazerem memória do que vivenciaram no encontro passado. Retomar os compromissos assumidos. Situar o grupo dentro do planejamento do grupo. Acolher as pessoas que estão chegando no grupo.

3. Olhando a nossa realidade

Convite à observação dos objetos no centro da roda;

A coordenação convida as pessoas a organizarem, nas caixas (rosa e azul), objetos que são femininos e masculinos, separadamente, sem indicar em que caixa vai cada um.

Em seguida pede para o grupo observar o exercício feito e se todos estão satisfeitos com a organização ou se alguém quer fazer alguma alteração.

A coordenação pede para que o grupo se organize em dois: homens e mulheres.

Em seguida distribui para cada grupo 10 tiras de papel, para que ambos escrevam 5 características sobre "ser homem é..." e 5 características sobre "ser mulher é..." (uma característica em cada papel).

Feito esse exercício, os dois grupo depositam, em torno de cada caixa, as características descritas.

O grupo é convidado a observar as características levantadas nas papeletas e a verificar se quer mudar algumas delas de lugar.

A coordenação inverte o lugar de alguns objetos e características e pergunta ao grupo se concorda com a nova ordem que ele estabeleceu.

Abre-se uma discussão com a questão do que é feminino e masculino, utilizando os elementos colocados no centro da roda e a ordem em que foram colocados: Quem definiu que masculino e feminino são assim? Quem estabeleceu essa ordem?

- Nesse momento a coordenação pode trazer para a discussão a relação de gênero que existe por trás de feminino e masculino (texto anexo 4).

- Dentro dessa discussão, o/a animador/a pega uma bola, um carrinho e uma boneca e relaciona esses objetos com os universos feminino e masculino: brincando com a boneca, a menina aprende a se relacionar com o outro e restringe a sua atividade ao mundo interno da casa e da maternidade. O menino pode brincar de boneca e assim aprender a se relacionar com outras pessoas? A menina também pode brincar com a bola? Por que não (ou sim)? Faz-se o mesmo com o carrinho. A partir das perguntas, colocar brinquedos entre as caixas e misturar o que está dentro da caixa rosa com o que está na azul. Em seguida faz-se o mesmo exercício com as características escritas nas tiras de papel, mudando algumas de lugar. Deixar algumas características no centro, entre as duas caixas.

- Continuar: Que sentimentos me vêm diante dessa nova ordem? Como me percebo diante do diferente?

4. À Luz da Palavra de Deus

Acolher a Palavra com o canto (pode ser declamado como um poema)

“Invocação” anexo 2.

Leitura de Gálatas 3,25-28.

(Pode ser memorizada por um casal: a mulher proclama o trecho, os dois olham para todas as pessoas do grupo, em seguida o homem repete o trecho e os dois anunciam, juntos, o versículo 3,28, concluindo com a aclamação: “Essa é a palavra de Deus!”).

- Na Jerusalém que vivemos e na Jerusalém que sonhamos, estamos tocando numa questão importante: a relação de gênero. Meditando a Palavra de Deus, que tipo de relação é proposta para a humanidade?

- A que tipo de ações somos provocadas/os ou convocadas/os?

- Que cuidados precisamos ter uns com os outros e umas com as outras?

5. Assumindo o compromisso com a vida

Fazer contato com grupos ou organizações que trabalham a questão de gênero para que o grupo tenha um dia ou uma tarde de formação a respeito do tema.

Indicações

Grupo Transas do Corpo (www.transasdocorpo.com.br); Católicas pelo Direito de Decidir (www.cdd.org.br) esses lugares podem oferecer materiais (livros, vídeos, textos,...) e indicar outros espaços que atuam na questão de gênero.

6. Celebrando a vida

Convidar todas e todos para reorganizar as caixas colocando-as juntas e recolocar os brinquedos de maneira que fiquem distribuídos de forma equilibrada nas duas. Colocar as tiras de papel em torno das caixas juntas, (o casal que leu ou proclamou Gl 3, 25-28 refaz a leitura em coro, de maneira bem alegre e recoloca a Bíblia bem próxima aos símbolos, no centro da roda).

O grupo pode cantar “Masculino e Feminino” ou “Meninos e Meninas” (anexos 1 e 3)

7. Avaliando

O que eu destacaria da reunião de hoje? Em que o tema contribuiu? Como reconheço, respeito e convivo com o diferente? Está vinculado a um planejamento do grupo? Qual outro passo o grupo precisa dar?

8. Preparando o próximo encontro

A coordenação faz uma motivação convidando a todos/as para virem para o próximo encontro. Pode anunciar a temática, para o pessoal ir pensando sobre a mesma durante a semana. Informa o tema do planejamento e escolhe o grupo que prepara o próximo “ponto”.





ANEXO



Anexo 1

Música: "Masculino e Feminino"
Baby Consuelo/ Pepeu Gomes

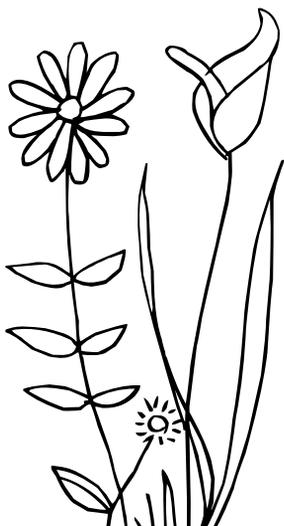
Ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino
Olhei tudo que aprendi
E um belo dia eu vi
Que ser um homem feminino
Não fere o meu lado masculino
Se Deus é menina e menino
Sou masculino e feminino
Olhei tudo que aprendi
Que um belo dia eu vi
E vem de lá o meu sentimento de ser
Meu coração mensageiro vem me dizer
Salve, salve a alegria
A pureza e a fantasia
Vou assim todo o tempo
Vivendo e aprendendo



Anexo 2

Música: "Invocação"
Chico César

Deus dos sem deuses
Deus do céu sem Deus
Deus dos ateus
Rogo a ti cem vezes
Responde quem és?
Serás Deus ou Deusa?
Que sexo terás?
Mostra teu dedo, tua língua, tua face
Deus dos sem deuses.



→ Anexo 3

Música: "Meninos e Meninas"

Legião Urbana

Composição: Renato Russo, Dado Villa-Lobos, Marcelo Bonfá

Quero me encontrar, mas não sei onde estou
Vem comigo procurar algum lugar mais calmo
Longe dessa confusão e dessa gente que não se
respeita

Tenho quase certeza que eu não sou daqui

Acho que gosto de São Paulo

Gosto de São João

Gosto de São Francisco e de São Sebastião

E eu gosto de meninos e meninas

Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra
sempre

Vai ficando complicado e ao mesmo tempo diferente

Estou cansado de bater e ninguém abrir

Você me deixou sentindo tanto frio

Não sei mais o que dizer

Te fiz comida, veleí teu sono

Fui teu amigo, te levei comigo

E me diz: pra mim o que é que ficou?

Me deixa ver como viver é bom

Não é a vida como está, e sim as coisas como são

Você não quis tentar me ajudar

Então, a culpa é de quem? A culpa é de quem?

Eu canto em português errado

Acho que o imperfeito não participa do passado

Troco as pessoas

Troco os pronomes

Preciso de oxigênio, preciso ter amigos

Preciso ter dinheiro, preciso de carinho

Acho que te amava, agora acho que te odeio

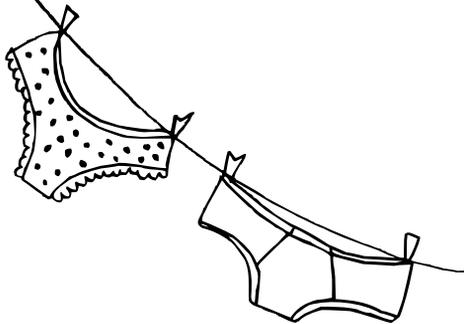
São tudo pequenas coisas e tudo deve passar

Acho que gosto de São Paulo

E gosto de São João

Gosto de São Francisco e de São Sebastião

E eu gosto de meninos e meninas





Anexo 4

Texto: O que é gênero?

Diferenças entre gênero e sexo

Quando falamos em sexo estamos nos referindo aos aspectos físicos, biológicos, de macho e fêmea, aquelas diferenças que estão nos nossos corpos e que não mudam radicalmente, apenas se desenvolvem de acordo com as etapas das nossas vidas. Sabemos que, desde que o mundo é mundo, as mulheres têm vagina e os homens têm pênis; que depois de certa idade, as mulheres começam a menstruar e os homens a ter ejaculação; que depois de certa idade as mulheres e os homens começam a ter pelos, e que estes pelos se distribuem de modo diferente nos corpos de cada um. Sabemos, ainda, que a gravidez só acontece no corpo da mulher. Todas essas coisas são determinadas pelo sexo.

Outra coisa que pode nos esclarecer sobre a diferença entre sexo e gênero é que os animais também são machos e fêmeas, mas eles não são masculinos ou femininos, homens ou mulheres. Os animais não têm gênero.

O que é gênero?

É a partir da observação e do conhecimento das diferenças sexuais, que a sociedade cria idéias sobre o que é um homem, o que é uma mulher, o que é masculino e o que é feminino, ou seja, as chamadas representações de gênero. Com isso se estabelecem também as idéias de como deve ser a relação entre homem e mulher, a relação entre as mulheres e a relação entre os homens. Ou seja, a sociedade cria as relações de gênero.

Desta forma, o conceito de gênero implica em uma relação, isto é, nas nossas sociedades o feminino e o masculino são considerados opostos e, também, complementares. Na maioria das vezes o que é masculino tem mais valor. Assim, as relações de gênero produzem uma distribuição desigual de poder, autoridade e prestígio entre as pessoas, de acordo com o seu sexo. É por isso que se diz que as relações de gênero são relações de poder.

Relações de gênero

As relações de gênero são construídas a partir das diferenças sexuais, portanto, não são naturais. São criações da sociedade. Sendo o gênero uma construção social, ele não se apresenta da mesma forma em todas as épocas

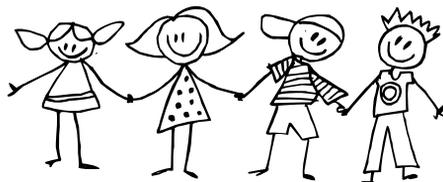
e lugares, depende dos costumes de cada lugar, da experiência cotidiana das pessoas, variando de acordo com as leis, as religiões, a maneira de organizar a vida familiar, a vida política de cada povo, ao longo da história.

As relações e as representações de gênero não variam apenas de um povo para outro, dentro de uma mesma sociedade; elas também podem mudar de acordo com a classe social da pessoa, da raça, da idade. É por isso que a situação das mulheres entre si é muito diferente, mesmo que todas elas compartilhem a vivência da discriminação e opressão. O conceito de gênero se refere às relações entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens. Todas estas relações criam diversas desigualdades, fazendo com que alguns tenham mais poder sobre outros, sejam considerados mais importantes e respeitados na sociedade. Isto também faz com que algumas pessoas tenham mais liberdade e oportunidade para se desenvolver que outras.

Mulheres e homens

As relações de gênero, como foi visto, são criadas pelos seres humanos. Isto significa que não nascemos com uma ou outra característica, mas que aprendemos a ser como somos no decorrer de nossas vidas, nas coisas que experimentamos. Essa aprendizagem constrói também muitas diferenças entre as pessoas e muitas desigualdades nas relações de gênero.

(Texto adaptado de "Idéias e dinâmicas para trabalhar com gênero", de Ana Paula Portella e Taciana Gouveia - SOS corpo - Gênero e Cidadania).





3º Ponto

Diversidade:
Nossa maior
riqueza.



Objetivo DO ENCONTRO
Descobrir o valor da diversidade na vida do grupo e saber encarar, como cristãos, os preconceitos presentes na sociedade.

Material
Som, Bíblia, vela, colcha de retalhos e tiras grandes de fitas coloridas de papel crepom, xerox da música e do texto.

Ambientação
No início da reunião ter, no centro da sala, somente uma cesta ou um tecido de uma única cor com as fitas de papel crepom dentro.

1. Acolhida

Boas-vindas a todos e todas. É uma alegria estarmos reunidos/as mais uma vez. Boas-vindas a quem está vindo pela primeira vez. A coordenação convida o grupo para fazer uma saudação especial a quem está chegando ao grupo. Reúne-nos um motivo muito importante: debater e compreender a beleza e os desafios da diversidade. Essa diversidade faz parte da mística que “Jerusalém” nos convida a viver.

2. Relembrando o encontro anterior

Antes de dar início ao tema de hoje, vamos esquentar o nosso coração, fazendo memória de coisas do encontro passado. O que é importante recordar?

3. Olhando para a realidade

a) Cada pessoa é convidada a pegar uma fita da cor que gosta.

- Com a fita na mão, a coordenação motiva o grupo a dançar de acordo com os ritmos que forem sendo tocados. (A coordenação do encontro escolhe algumas músicas de ritmos diferentes para serem tocadas).

- Partilha: O que mais chamou a atenção nesta atividade que fizemos? (Todos dançaram igual? Todos escolheram a mesma cor? Todos gostam da mesma música?). A coordenação chama a atenção para a diversidade que existe dentro do próprio grupo.

b) Dinâmica: Desconstruindo preconceitos

O grupo é convidado a fazer um círculo. Algumas pessoas da coordenação trazem para o centro uma colcha de retalhos, que é estendida no chão. Depois vão sendo colocadas, sobre a colcha, palavras que expressem a diversidade que existe na sociedade. Sugestão: homem, mulher, índio/a, negro/a, criança, jovem, velho, gays, lésbicas, jovem com deficiência, islamismo, hinduísmo, budismo, cristianismo, nordestino, paulista, gaúcho, goiano, capixaba e outras.

O grupo é convidado a fazer silêncio e contemplar o cenário que agora temos em nossa frente.

Quais são os sentimentos que brotaram em mim enquanto o cenário ia sendo montado?

Que diversidades encontramos no nosso grupo? Elas são motivos de conflitos?

Que palavras ou frases preconceituosas ouvimos e falamos mais no dia-a-dia?

Como relacionamos a diversidade com temas como: preconceito, racismo, homofobia (preconceito com o homossexual), lesbofobia (preconceito com a lésbica), machismo, violência, etc.?

c) Escutar, juntos, a canção: “Vox Populi”, de Ana Carolina (*disponibilizar a letra da música para as pessoas - anexo 1*).

→ Enquanto escutamos a música, perguntemo-nos sobre o que essa música tem a ver com a temática do encontro?

d) Em grupos: fazer a leitura do texto “Diversidade e preconceito” (anexo 2).

→ O que mais chama a minha atenção no texto? Por quê?

4. À Luz da Palavra de Deus

Jesus ia da Judéia para a Galiléia e tinha que passar por Samaria. O povo samaritano era complicado... Estamos tratando de diversidade e Jesus vai se encontrar com uma samaritana, junto a um poço. A mística de Jerusalém leva-nos a situações imprevistas onde um dos discursos fortes é o preconceito. Muitos tipos de preconceitos.

Leitura de João 4,1-15.

(Fazer dramatizada ou dialogada)

Canto de acolhida da Palavra:

*A comunidade dança alegre a canta
acolhendo agora a Palavra Santa.
(Ou outro refrão conhecido do grupo)*

- Após a leitura, de dois em dois, refletir sobre:

→ A história que o texto do Evangelho narra é a história do encontro de quem? Quais as diferenças que existem entre eles?

→ Viver em Jerusalém é viver na diversidade. Como a ação e a vida de Jesus nos ajudam a reconhecer e valorizar a diversidade?

5. Assumindo o compromisso com a vida

O que podemos fazer para nos livrarmos dos preconceitos e respeitar e valorizar a diversidade?

- Alguns gestos concretos que, pessoalmente ou em grupo, e como grupo podemos fazer:
- não contar piadas que discriminem pessoas ou povos;
 - dar a vez para deficientes, grávidas, idosos, no assento do ônibus;
 - convidar pessoas de um movimento (negro, mulheres, ou homossexuais...) para que venham contar um pouco o que é o movimento deles/as, porque lutam e quais são as principais dificuldades que encontram, ou combinar para ir visitá-los/as.

6. Celebrando a diversidade

Colocar, na colcha de retalhos, a palavra “DIVERSIDADE” junto com uma vela acesa. Colocar, também, as fitas coloridas com as quais cada um/a dançou.

Abraçados, cantar o refrão meditativo:

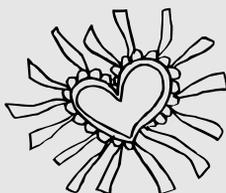
*Onde reina o amor, fraterno amor,
onde reina o amor Deus aí está.*

7. Avaliando

O que este encontro de hoje me ensinou? E a que me convoca, como jovem e como grupo de jovens? Que passo no plano do grupo esse tema contribuiu para fazer avançar a formação de lideranças?

8. Preparando o próximo encontro

Ver, com o grupo, quem poderia preparar canções ou conseguir CDs com canções que falem de Paz, para fazer a acolhida do próximo encontro. Comunicar com o grupo os temas que estão previstos no plano do grupo, ver a equipe que irá preparar o próximo ponto.





ANEXO



Anexo 1

Música: "Vox Populi"

Ana Carolina



O povo fala, o povo fala mesmo
Andam dizendo que eu meto a mão
Eu mando bala, eu meto a cara
Mas eu não fujo do combate
Que eu jogo duro, eu brigo feio, mando a lima
Sonho alto, quero muito e nada me sufoca
Mas nada disso me provoca
E comentam que eu corro muito,
Invento moda
Caio dentro e nada disso me entristece
É gente que me conhece
O povo fala e fala mesmo
e falam pelos cotovelos
Se eu bebo de madrugada
me chamam de arruaceiro
Quando eu bato, quando eu brigo
Me chamam de barraqueiro
Eu vou fazendo meu batuque,
me chamam de batuqueiro
E se tô forte, tô na pilha,
já me chamam de parceiro
Mas se eu tô numa cilada,
não passo de maloqueiro
Se eu tô sempre numa esquina,
viro logo macumbeiro
Quando eu mudo a levada,
eu levo fama de funkeiro
Compensando a anatomia,
o povo fala sem ter dó
São dois olhos, dois ouvidos,
Mas a boca é uma só
E fala, o povo fala
E o povo fala mesmo.

 Anexo 2

Texto: Diversidade e preconceito

A diversidade é algo que se nota desde o início da Criação (Gn 1,27). Por isso mesmo, é criada e querida por Deus. O universo é uma bela expressão dessa diversidade. Nele, encontramos uma riqueza enorme de seres que se relacionam. Nesse sentido, ela é fundamental para a relação. A sociedade brasileira é composta por uma vasta pluralidade de povos e culturas. Nossas raízes africanas, indígenas, européias e asiáticas nos ajudam a constituir o que somos: brasileiros/as. Num país tão grande como o Brasil, essas diferenças encontram-se de norte ao sul e em diferentes contextos: no campo, na cidade, nas aldeias, nas populações ribeirinhas, quilombolas, etc. Entretanto, podemos lembrar, também, outras diversidades que estão presentes em nosso país, por exemplo: diversidade sexual e religiosa.

Mesmo diante de tantas diferenças, muitas vezes percebemos que elas não são bem entendidas e aceitas; e algumas se tornam motivo de preconceito e exclusão. Toda e qualquer relação não se sustenta sem a valorização e respeito à diversidade. Sem dúvida, não podemos fechar os olhos diante da discriminação, muitas vezes dissimulada em palavras e frases do tipo: bicha, veado, neguinha do cabelo ruim, picolé de asfalto, índio preguiçoso, sapatão, judiar, denegrir, a coisa tá preta, mulher é para tanque e fogão, etc. Essas palavras e frases revelam uma violência simbólica que, muitas vezes, chega a se tornar física, além de prejudicar qualquer possível diálogo e produzir termos e gírias que a sociedade usa como mecanismos de opressão.

Reconhecer e valorizar a diversidade é tornar-se consciente da própria identidade. Assim, sabendo que ela é querida e desejada por Deus, todo tipo de preconceito, discriminação e exclusão que tenha a diversidade como pressuposto, é falso e precisa ser combatido. Como cristãos, devemos entender a diversidade também como responsabilidade que temos com nossa dignidade de filhos/as de Deus. Qualquer ação que ofenda essa dignidade é ofensa ao Deus de Jesus.

TRILHA 02

passos em direção às relações de paz

O grande presente da Páscoa de Jesus é a paz. Os apóstolos, após a tormenta da morte violenta de Jesus Cristo, estavam apavorados. Em meio às agitações que a vida atual nos apresenta, corremos o risco de estarmos, também, apavorados, sem rumo e sem sentido. A novidade que somos capazes de criar nos assusta. Fala-se de mudança de paradigma e as pessoas não sabem mais onde encontrar a tranqüilidade bonita para a qual somos chamados/as.

Queremos refletir, por isso, num primeiro "Ponto", sobre a cultura da Paz. Não deixando de lado o aspecto bélico que nossa sociedade vive de forma incompreensível, a "cultura da Paz" vai além do bélico. Trata-se de uma Paz onde não só haja ausência de medo, mas de uma maneira contemplativa de saber viver a beleza da vida. O que levou Jesus, sendo entregue à morte por traição, a pedir que os apóstolos guardassem as poucas armas que tinham?

O que é ser um "promotor da paz"? É o segundo Ponto que precisamos aprofundar. É evidente que se trata mais do que de um romantismo ingênuo. Ao lado de Jesus Cristo, há figuras como Gandhi, como Luther King, como a Irmã Dorothy e tantos outros que nos questionam. Eles foram promotores de tanta paz que deram a vida por ela... Só seremos promotores/as da paz, movidos pelo senso da justiça. A leitura das "Bem-aventuranças" deve ser um convite a penetrarmos mais na radicalidade do que é ser uma pessoa de paz.

No terceiro "Ponto" achamos importante, novamente, aprofundarmos o sentido profundo das "diferenças" que se mostram, especialmente, no aspecto cultural. Nosso caminho não é de uma "unificação" onde todos somos bestamente "globais". Deus nos sonhou diferentes e, nessa diversidade, formarmos um corpo lindo, um universo onde as belezas são incontáveis.



1º Ponto



Por uma
cultura da paz.



Objetivo do encontro
Mobilizar os/as jovens a assumirem atitudes concretas em favor da cultura da paz que não deixe de ser fruto da justiça.

Material

Cartolina ou papel pardo, pincel atômico ou tinta, Bíblia, lanternas, recortes de jornal ou revistas, aparelho de som, CDs.

Ambientação

Cartazes ou faixas com as frases: "A paz sem voz não é paz, é medo"; "É pela paz que eu não quero seguir admitindo".



c) Em pequenos grupos os/as participantes da reunião conversam e discutem sobre os tipos de violências que existem na comunidade, com partilha, após certo tempo.

4. À Luz da Palavra de Deus

a) Acolhida com canto:

*A Palavra de Deus já chegou
nova luz clareou para o povo,
quando a Bíblia Sagrada se abriu
Todo o povo já viu mundo novo.
(Ou outro conhecido do grupo).*

Os/as jovens que seguram as lanternas e leram as manchetes sobre violência, se aproximam da Bíblia com as lanternas acesas para iluminar a Palavra.

b) Uma jovem faz a leitura:

Lucas 22, 47-53.

- Motivados/as pela Palavra contemplemos a atitude de Jesus diante da situação de violência. A mística de Jerusalém não é brincadeira... O que isso nos ensina? O grande presente de Páscoa de Jesus Cristo aos apóstolos e a todos nós é a paz. Leia-se Lucas 24,36-43. Mesmo envolvido nos conflitos mais sérios, Jesus é o Mestre da Paz.

5. Assumindo um compromisso com a vida

Motivar o grupo para, de dois em dois, pensar uma postura ou atitude que cada pessoa pode assumir como cristão/cristã, colaborando na construção de uma cultura de Paz (na família, na escola, na rua, no trabalho, nas igrejas, no nosso grupo, na comunidade).

6. Celebrando a paz

Para a partilha deste momento, as pessoas dizem:

“É pela Paz que eu,
a partir de hoje,
assumo fazer...
Ou não fazer mais...”

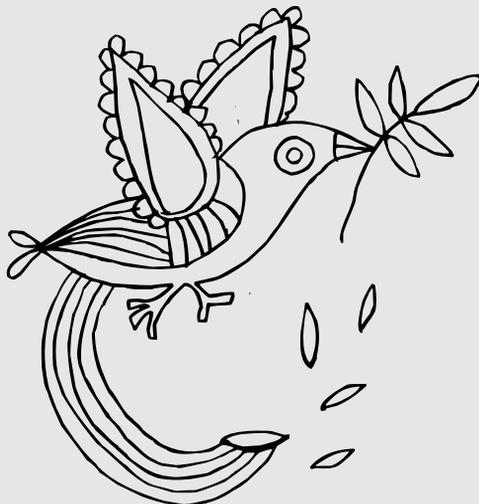
De mãos dadas ou abraçados(as), cantar ou rezar juntos/as o “Pai nosso dos Mártires”. (anexo 2)

7. Avaliando

Dizer em uma frase, do que mais gostei no encontro de hoje? De que gostei menos? Por quê? Em que o tema de nosso encontro contribui para o crescimento das pessoas na perspectiva da conscientização?

8. Preparando o próximo encontro

No próximo encontro essa reflexão sobre Paz e violência vai continuar. Para isso precisamos contar com a colaboração de todos/as. Temos uma tarefa para fazer durante a semana e trazer no próximo encontro, isto é, observar quais são as situações de violência que acontecem na comunidade, no bairro, na escola e outros lugares. Situar o grupo dentro do Plano do grupo para os próximos temas.





ANEXOS



Anexo 1

Música: Minha Alma (A paz que eu não quero)

Marcelo Yuka

(Refrão 2x)

a minha alma está armada
e apontada para a cara
do sossego (sego)
pois paz sem voz
não é paz, é medo (medo)

às vezes eu falo com a vida
às vezes é ela quem diz
qual a paz que eu não quero
conservar
para tentar ser feliz

as grades do condomínio
são para trazer proteção
mas também trazem a dúvida
se não é você que está nessa prisão
me abraçe e me dê um beijo
faça um filho comigo
mas não me deixe sentar
na poltrona no dia de domingo
procurando novas drogas
de aluguel nesse vídeo
coagido pela paz
que eu não quero
seguir admitindo



Anexo 2

Música: "Pai Nosso dos Mártires"

Cirineu Kuhn

Pai-nosso dos pobres marginalizados.

Pai-nosso dos mártires, dos torturados

1. Teu nome é santificado,
naqueles que morrem, defendendo a vida.
Teu nome é glorificado,
quando a justiça é nossa medida.
Teu reino é de liberdade,
de fraternidade, paz e comunhão.
Maldita toda violência
que devora a vida pela repressão.

2. Queremos fazer tua vontade,
és o verdadeiro Deus libertador.
Não vamos seguir as doutrinas,
corrompidas pelo poder opressor.
Pedimos-te o pão da vida,
o pão da segurança, o pão das multidões,
O pão que traz humanidade,
que constrói a vida em vez de canhões.

3. Perdoa-nos quando, por medo,
ficamos calados diante da morte.
Perdoa e destrói os reinos,
em que a corrupção é a lei mais forte.
Protege-nos da crueldade,
do esquadrão da morte, dos prevaletidos.
Pai Nosso, revolucionário,
Parceiro dos pobres, Deus dos oprimidos.



2º Ponto



Felizes os/as
que promovem
a Paz!

➔ **Objetivo do encontro**
Dar continuidade à reflexão sobre as situações de violência e lançar pistas de como podemos ser construtores/as de realidades de Paz.

Material
Cópia das músicas e do manifesto, aparelho de som, Bíblia, vela, aparelho de som, CD.

Ambientação
O local deve estar ambientado com as mesmas frases do encontro anterior, mais a frase: "Felizes os/as que promovem a Paz!"

1. Acolhida

Na porta, um casal de jovens acolhe os/as que chegam com o cumprimento: “Seja bendito/a quem chega, trazendo a Paz.”

Dentro da sala, todos/as reunidos/as, cantar o refrão: “Seja bendito quem chega, seja bendita quem chega, trazendo a paz, trazendo a paz, trazendo a paz do Senhor.”

2. Relembrando o encontro anterior

Trazer as principais lembranças do encontro anterior e o que conseguiram fazer de atitudes no dia-dia para fazer acontecer uma cultura de Paz. Partilhar o que foi conquista e as dificuldades na ação e também situar as pessoas que estão chegando dentro do plano do grupo.

3. Olhando para a realidade

a) O grupo é motivado a dar retorno da tarefa que ficaram responsáveis por fazer:

→ Partilha das situações de violências observadas pelos jovens nas suas comunidades. O que nos chama a atenção nestes relatos?

b) Cada jovem recebe uma folha com a letra da música “Pela paz”. Em silêncio e individualmente cada um/a lê e depois escuta a canção. (anexo 1 - Pela Paz - Titãs)

c) Conversar sobre a parte da música que mais mexeu comigo. Falar em voz alta. Por quê? Quais os sentimentos que provocou em mim? Chama a nossa atenção para quê?

Em seguida, perguntar para o grupo: Quais as diferenças existentes entre ser passivo e ser pacífico? (ouvir o que o grupo tem a dizer).

A coordenação complementa:

→ Ser passivo é: ficar de braços cruzados, não reagir, esperar que as coisas aconteçam, deixar rolar, indiferença.

→ Ser pacífico é: cultivar a paz, buscar atitudes de não-violência, interferir nas realidades de violência, indagar, questionar certas atitudes e situações.

4. À Luz da Palavra de Deus

- Na vivência de nossa Jerusalém, com sua mística muito especial, há alguns princípios norteadores que são fundamentais. Nesse sentido, o “sermão da montanha” aponta para aspectos básicos de nossa mística plantada em Jerusalém. Vejamos onde se colocam os promotores da Paz.



Um/a jovem, em silêncio, acende uma vela. Depois pega a Bíblia e começa a fazer a leitura de Mt 5, 1-12.

Ao terminar, o/a jovem que fez a leitura repete várias vezes o versículo 9: “Felizes o que promovem a paz, porque serão chamados/as filhos e filhas de Deus”.

Convida, depois, os participantes para que digam uns/umas para os/as outros/as essa Boa Notícia que a Palavra de Deus nos traz e nos convoca a sermos portadores/as e construtores/as da Paz, fruto da Justiça, na Jerusalém que está aí e na Jerusalém que sonhamos.

5. Assumindo um compromisso com a vida
Algumas sugestões do que o grupo pode fazer:

- Escolher um dia para fazer uma Caminhada pela PAZ em uma rua ou avenida da cidade, mobilizando a comunidade para participar, pensar como divulgar a caminhada para outros grupos poderem participar.
- Fazer um cartaz ou mosquitinhos com os comportamentos que contribuem para a Cultura da Paz. Ver o texto do “Manifesto 2000: Por uma Cultura da Paz e Não Violência” (anexo 4) e distribuir na comunidade, na escola...
- Combinar pinturas de muro da escola ou das casas, ou do centro comunitário, com símbolos e dizeres de Paz: direito, justiça, solidariedade.

6. Celebrando a vida

Fazer, juntos, a leitura do “Manifesto 2000: Por uma cultura de Paz e não-violência” (anexo 4) e, ao final, abraçados, rezar ou cantar a “Oração de São Francisco” (anexo 3) ou fazer uma dança circular da “Paz Universal como Força da Paz” (anexo 2).

7. Avaliando

O encontro de hoje foi importante? Por quê? O que ele acrescenta na minha vida e na minha prática no dia-dia?

8. Preparando o próximo encontro

Pedir às pessoas para pesquisarem sobre o que é cultura, olhando no dicionário, procurando na biblioteca e perguntando as pessoas com as quais convivem.

.....
▪ Uma dica

▪ Se a coordenação tiver acesso, dar uma olhada no texto-base da CF-2005 tendo como tema “Fraternidade e Paz” .
.....

ANEXOS

Anexo 1

Música: "Pela Paz"

Titãs

Você espera sempre mais
Você não se conforma
Você não se satisfaz
Todo mundo diz acreditar na paz
E você acredita ou não
E então
O que você faz pela paz
O que você faz pela paz
O que você faz pela paz

Todos são capazes da guerra
Mas ninguém luta por você
Você ainda está sozinho
Ninguém acredita em ninguém
E você acredita ou não
E então
O que você faz pela paz
O que você faz pela paz
O que você faz pela paz

Anexo 2

Música: "Força da Paz"

Dança Circular

Força da Paz,
Cresça sempre, sempre mais.
Que venha a Paz
E acabem as fronteiras.
Mir, mir u mir



Anexo 3

Música: "Oração de São Francisco"

Senhor, fazei-me instrumento de vossa paz!
Onde houver ódio, que eu leve o amor.
Onde houver ofensa, que eu leve o perdão.
Onde houver discórdia, que eu leve a união.
Onde houver dúvida, que eu leve a fé.
Onde houver erro, que eu leve a verdade.
Onde houver desespero, que eu leve a esperança.
Onde houver tristeza, que eu leve a alegria.
Onde houver trevas, que eu leve a luz.
Ó Mestre, fazei que eu procure mais,
Consolar, que ser consolado,
Compreender, que ser compreendido,
Amar que ser amado.
Pois é dando que se recebe,
É perdoando que se é perdoado
E é morrendo que se vive
Para a vida eterna.



Anexo 4

Texto: Manifesto 2000

Por uma Cultura da Paz e Não-violência

Reconhecendo minha parte de responsabilidade diante do futuro da humanidade, especialmente para as crianças de hoje e de amanhã, comprometo-me, em minha vida diária, em minha família, meu trabalho, minha comunidade, meu país, minha região a:

- respeitar a vida e a dignidade de cada pessoa, sem discriminação nem preconceitos;
- praticar a não-violência ativa, recusando a violência em todas as suas formas: física, sexual, psicológica, econômica e social, especialmente, aos mais fracos e vulneráveis, como crianças e adolescentes;
- partilhar meu tempo e meus recursos materiais, cultivando a generosidade, a fim de terminar com a exclusão, a injustiça e a opressão política e econômica;
- defender a liberdade de expressão e a diversidade cultural, privilegiando sempre a escuta e o diálogo, sem ceder ao fanatismo, nem à maledicência e à recusa do próximo;
- promover um consumo responsável e um modo de desenvolvimento que tenha em conta a importância de todas as formas de vida e equilíbrio dos recursos naturais do planeta;
- contribuir no desenvolvimento de minha comunidade, propiciando a plena participação das mulheres e o respeito dos princípios democráticos, com o fim de criar, juntos, novas formas de solidariedade".

(Mir é uma palavra de origem Russa e que significa Paz)



3º Ponto

Viva as
diferenças
culturais!



Objetivo do encontro

Procurar despertar para o entendimento de Cultura, a partir de aspectos que caracterizam o indivíduo e a comunidade, tais como crenças, artes, direitos, costumes, etc... ressaltando a importância da Cultura de Paz, de Solidariedade, de Igualdade e do Respeito ao Diferente, através das características locais e globais.

Material

Comidas e bebidas típicas, aparelho de som, CDs, Bíblia, instrumentos dos diferentes povos (brancos, negros e indígenas).

Ambientação

Ornamentar o espaço com coisas das diferentes culturas e povos regional e nacional. Se possível, com comidas, doces, bebidas, músicas.

1. Acolhida

Motivar os/as jovens para dizerem de onde são, de onde são seus pais e mães, se vieram de algum lugar diferente, porque vieram, lembrar canções, refrãos de músicas que identificam o lugar de onde cada um/a é. Depois da partilha, a coordenação convida as pessoas para escutarem a canção “Para Todos”, de Chico Buarque (anexo 1).

2. Relembrando o encontro anterior

Em duplas, conversar se tem alguma coisa do encontro passado que vale a pena a gente lembrar e dizer? O quê? (dar tempo para partilha).

Ficamos com uma tarefa: ir em busca do que é cultura. Quem fez? O que conseguiram descobrir? Partilhar.

3. Olhando para a realidade

Todos/as recebem a cópia do texto de apoio (“Transformações Recentes”) para leitura e reflexão. Após a reflexão, o grupo deve ser organizado em pequenos grupos e conversar sobre o que de interessante o texto traz? Tem elementos do texto que confirmam o que acabamos de partilhar sobre cultura, a partir da pesquisa que fizemos? O quê?

4. À Luz da Palavra de Deus

O apóstolo Paulo, na primeira carta aos Coríntios, fala do respeito à diversidade que, na Jerusalém em que vivemos e que desejamos cultivar, é de grande inspiração. Ele nos fala do Espírito que une e nos faz ser um todo, apesar de diferentes.

Pensar uma forma artística de fazer a leitura da Bíblia. Algo que lembre a cultura regional/local, cordel, repente, canto em ritmo de canções regionais.

Leia-se 1 Cor. 12, 4-21.

-
▪ Qual é a Boa Notícia desta Palavra para nós que somos de
▪ realidades e culturas tão diferentes?
▪ Dar tempo para a partilha.
▪

5. Assumindo um compromisso com a vida

Conversar com os pais/mães, avós sobre a origem de nossas famílias, costumes, modos de vestir, vivência de amizades e afetividades...

Visitar algum grupo de tradições populares, ou museus ou “Casa de cultura” que tenha na cidade para conhecer e saber mais;

Criar uma peça de teatro ou uma dança que expresse e fale das culturas locais e sua importância e apresentar na celebração da comunidade, ou em outros espaços;

Fazer um “lual” (apresentação artística, popular, em espaços diversos e abertos ao público) com causos, poesias, histórias, repentes, canções da cultura popular e convidar as famílias dos jovens do grupo e a comunidade para participarem.

6. Celebrando a vida

Em torno dos elementos, comidas e bebidas, fazer a chamada dos povos e dos continentes:

Coordenador/a: África

Todos/as: Povo irmão, venha celebrar com a gente!

Coordenador/a: América... Europa...Oceania...Ásia...

Em seguida, entregar a letra da música “LIFE GODS”, cantada por Marisa Monte e Gilberto Gil (disponibilizar a letra). Pedir que leiam, individualmente, para perceberem quais os nomes que conhecem. Ir dizendo em voz alta os nomes. Todos os nomes que aparecem na música são nomes dados a Deus. É a forma como a Divindade, que dá a vida, é chamada nos diversos lugares, continentes, nas diversas línguas dos povos do planeta. Convidar o grupo para escutar e rezar a música. (Life Gods anexo 3)

7. Avaliando

Pense numa palavra ou frase que expresse como foi a reunião de hoje. Partilha das palavras e frases. Os objetivos foram alcançados? O encontro contribuiu para compreender melhor o mundo onde estamos?

8. Preparando o próximo encontro

A próxima reunião deve ser preparada por um pequeno grupo, a partir do texto “Globalização” ou outros. Sugerir ao grupo que prepare cartazes com as definições (significado) dos termos mais difíceis do texto. Situar o grupo dentro do plano do grupo e organizar a equipe que prepara o próximo “ponto”.

Uma dica

para ajudar a aprofundar este tema das diferenças culturais ver o filme “Casamento Grego”. Por que não na casa de alguém?



ANEXOS

Anexo 1

Música: "Para todos"

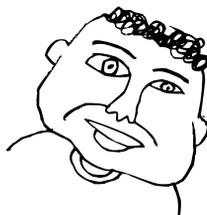
Chico Buarque

O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Meu maestro soberano
Foi Antônio Brasileiro

Foi Antônio Brasileiro
Quem soprou esta toada
Que cobriu de redondilhas
Pra seguir minha jornada
E com a vista enevoada
Ver o inferno e maravilhas

Nessas tortuosas trilhas
A viola me redime
Cria, ilustre cavalheiro
Contra fel, moléstia, crime
Use Dorival Caymmi
Vá de Jackson do Pandeiro

Vi cidades, vi dinheiro
Bandoleiros, vi hospícios
Moças feito passarinho
Avoando de edifícios
Fume Ari, cheire Vinícius
Beba Nelson Cavaquinho



Para um coração mesquinho
Contra a solidão agreste
Luiz Gonzaga é tiro certo
Pixinguinha é inconteste
Tome Noel, Cartola, Orestes
Caetano e João Gilberto

Viva Erasmo, Ben, Roberto
Gil e Hermeto, palmas para
Todos os instrumentistas
Salve Edu, Bituca, Nara
Gal, Bethania, Rita, Clara
Evoé, jovens à vista
O meu pai era paulista
Meu avô, pernambucano
O meu bisavô, mineiro
Meu tataravô, baiano
Vou na estrada há muitos anos
Sou um artista brasileiro.





Anexo 2

Texto: Transformações recentes

Se observarmos o mundo que nos rodeia, podemos dar-nos conta de que muitas coisas que fazemos diariamente e que nos parecem normais e habituais são fruto das profundas transformações no campo da tecnologia, o que por sua vez está gerando profundas mudanças no trabalho, na família, na religião, na sexualidade e nas comunicações. Estas transformações estão gerando mudanças aceleradas em nossa forma de comunicar-nos, de relacionar-nos uns com os outros, de construir família, de consumir, de viver o amor, de alimentar-nos, etc. Em síntese, estas transformações estão impactando nossa vida cotidiana, gerando novas formas de fazer sociedade.

Vamos revisar, em seguida, brevemente, quais são essas transformações, de modo a compreender o mundo que nos rodeia, analisar estas grandes mudanças e agir para transformar essas mudanças em relações sociais mais humanas, justas, solidárias e igualitárias.

1) Mudanças no modelo de acumulação capitalista

As mudanças no modelo capitalista derivam-se das profundas transformações que se estão produzindo na maneira de gerar e distribuir a riqueza através do trabalho humano. A partir do momento em que começou a se introduzir a microeletrônica nos processos produtivos e na geração de serviços, o mundo do trabalho está mudando irreversivelmente.

O uso da computação está gerando mudanças aceleradas na maneira de trabalhar, exigindo novas competências e novas habilidades para poder escolher com êxito as exigências derivadas nestas mudanças. Atualmente, a tendência mundial é de incorporar a tecnologia de ponta em todas as áreas da produção e serviços. Isso está gerando, ao mesmo tempo, uma série de conseqüências que é preciso mencionar:

a) Em primeiro lugar, está aumentando o desemprego.

O desemprego deriva do fato de que em todos os tipos de trabalho imagináveis se está aplicando a tecnologia digital, requerendo cada vez menos mão-de-obra. O que se precisa nos trabalhos são mais computadores e menos pessoas.

b) Novas habilidades e novas competências.

Para poder trabalhar em qualquer área trabalhista se requer, hoje, saber computação e ter habilidades de trabalho em grupo, ser proativo, ter uma adaptação permanente para a mudança, etc. Todas estas (entre outras) são novas habilidades e novas competências necessárias para encontrar trabalho e manter-se nele.

2) Queda dos socialismos reais

O mês de outubro de 1989 marcou nossa história. Nesse ano o muro de Berlim foi derrubado, marcando uma mudança de época. Há escritores que dizem que o século XX foi um século curto (que não durou 100 anos), que o século XX havia terminado nesse ano e que, a partir de 1989, estaríamos vivendo outro século e que, o que vivemos atualmente, é uma mudança de época e não uma época de mudanças, que não é o mesmo.

Durante 70 anos do século XX o mundo viveu na polarização do conflito Leste-Oeste, isto é, a tensão entre dois modelos de desenvolvimento antagônicos: o modelo de desenvolvimento capitalista, representado pelos Estados Unidos, e o modelo de desenvolvimento socialista representado pela ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

Assistimos, hoje em dia, ao término da bipolaridade, isto é, na atual conjuntura histórica um modelo de desenvolvimento (capitalista) se erige como o único legítimo e viável. Os Estados Unidos proclamam a morte do socialismo e se manifesta como a grande potência hegemônica mundial.

Outros afirmam que terminou a época das grandes utopias, dos grandes meta-relatos, a época dos sonhos, da construção de um mundo melhor. O grande desafio que os jovens enfrentam atualmente é a construção de projetos de vida individuais, na ausência de projetos coletivos de mudanças sociais. Isso geraria, em alguns, uma profunda crise de sentido, dificultando-se o viver cotidiano.

Desde alguns anos vem-se gerando uma alternativa que se manifesta no Fórum Social Mundial de Porto Alegre e que grita bem alto que outro mundo é possível. O grande desafio dos/as jovens atuais é fazer que este outro

mundo seja possível e não ceder ante a idéia dominante do pensamento único que aponta como única alternativa viável o capitalismo selvagem em sua versão neoliberal.

3) Revolução das comunicações

A terceira grande transformação do mundo contemporâneo se relaciona com a introdução da microeletrônica na transmissão de mensagens. É o que os autores denominam de "revolução das comunicações". Isso coloca grandes desafios para as novas gerações. O primeiro grande desafio é a obrigatória realfabetização que devem ter. A linguagem dos computadores é uma nova linguagem; uma nova maneira de comunicar-se à longa distância. Para consegui-lo deve-se aprender esta nova linguagem e desenvolvê-la.

No mundo da revolução das comunicações os conceitos de tempo e espaço estão mudando. Hoje em dia a comunicação é instantânea entre lugares geograficamente muito distantes. Ao fazê-la, faz-se desaparecer a distância, mudando nossas formas tradicionais de comunicação.

Esta revolução está mudando profundamente a vida cotidiana de todos os moradores do planeta. É um fenômeno que começou por uma elite de pessoas, mas que, progressivamente, se vai generalizando. Através da imagem o mundo está chegando às novas gerações, de tal forma que algumas pessoas dizem que estamos vivendo a civilização da imagem. Na vida cotidiana dos/as jovens a televisão está onipresente, gerando pautas de conduta produzidas pelas modernas indústrias culturais.

Mais que em outras épocas os/as jovens estão submetidos à influência das indústrias culturais. Neste sentido, a cultura se transforma num produto de consumo, mas gerando a cultura do descartável. Tudo (progressivamente) se consome e se bota fora. Nada é para sempre, gerando sempre novas modalidades de consumo.

A revolução das comunicações está mudando a maneira de viver das pessoas. Muitos/as jovens do estrato social médio e alto vivem conectados através do "chat", fazendo amizades com pessoas com as quais não têm contato direto e cotidiano, gerando um novo conceito de amigo. Uma das conseqüências é que para as novas gerações, expostas aos altos meios de comunicação (o "mass-media"), está sendo difícil e aborrecido ler (livros, revistas...), o que apresenta tremendos desafios ao mundo da educação e, especialmente, aos métodos pedagógicos.



Anexo 3

Música: "Life Gods"
Marisa Monte e Gilberto Gil

N'kukluk'mba... Oshalah
Odin ... Maitoo ... Xuedeh
Aggayun ... Got... Baoh Allah

Tupan ... N'Orolun ... Tamnarah
Golorud ... Ualereh
Zambyn ... Zeus ... Ruwatah
Iesu ... Jah ... Shalam Tzieh

Amaterasu ... Bathalah
Mandarah ... Unguleveh
Khrisna ... Efozu Amma

Yambah ... Oshun ... Asdulai
Kalah ... Okut... Nyaambeh
Aqaan ... Akuah
Jesus ... Rah ... Yelen Dayeh
Tentei ... Dio
Asher ... Dieu ... Dios ... Ymanah
Kami ... So-Ko
Lubnah ... Theos... Yallah

Maomeh... Juremah
Shiva... Shangoh
Butzimmy... Yumallad Yaoh

Dumnezteu ... Banarah
Gaya ... Munetoh
Aton ... Amon... Yemanjah
Ereh ... Yaoh

Yansan ... Adonay
Brahma ... Gedepoh
Tzikem-Boo ... Atzilah Yaoh

D'Olodum .. Ymanah
Oshossy ... Shido
Buda ... Gee ... Jeovah
Ereh ... Yaoh



TRILHA 03

globalização e comunicação



Dois assuntos se apresentam nesta nova Trilha da mística de Jerusalém. A Jerusalém dos tempos bíblicos era o lugar que centralizava a vida do povo judeu. Todo judeu tinha que ir a Jerusalém várias vezes ao ano. Não há dúvida de que precisamos acostumar-nos e embeber-nos de um novo fato: hoje tudo é “globalizado”, tudo está próximo, sabemos das novidades de qualquer parte do mundo e quem não se “comunica” está mal ou, como diz o ditado, se trumbica. Por isso, um primeiro Ponto trata de “globalização”. Embora Deus tenha sonhado sempre com uma “grande família”, parece que a globalização não está preenchendo o coração da humanidade. Precisamos descobrir a globalização que seja vida para todos/as e que, na Jerusalém em que vivemos, aprendamos a fazer da vida uma verdadeira aldeia de irmãos. Será que o projeto que vemos sendo impulsionado corresponde ao projeto de Deus? O profeta Isaías poderá ajudar-nos nesta busca.

Algo semelhante acontece com a “comunicação”, assunto de outro Ponto de nossas reflexões. Com tantos instrumentos que se apresentam para sermos mais “comunicação” há uma grande necessidade de não nos deixar manipular por fatos valorizados nos meios de comunicação. O bom comunicador não só sabe comunicar-se, mas sabe ler, igualmente, as verdades e as mentiras que são transmitidas. Nossa Jerusalém está cheia de informações; quais delas levam, no entanto, em direção à construção da vida?

1º Ponto

Globalização O que é preciso globalizar?



➔ **Objetivo do encontro**
Refletir alguns aspectos da influência da globalização nas transformações sociais e culturais, com enfoque no mundo do trabalho.

Material
Cartolina ou papel pardo, aparelho de som, CDs, cópias dos textos e músicas, Bíblia.

Ambientação

Colocar no chão ou na parede algumas palavras-chave como capitalismo, carteira de trabalho, novas tecnologias, neoliberalismo, exploração, desemprego, internet, orkut, emprego, dinheiro, economia, lucro, pobreza, desigualdades, miséria, desumanização, profissão, salário, ou palavras que possibilitem perceber como se foram dando as transformações, como máquina de escrever, telefone antigo, ferro de passar de brasa e ferro elétrico, aparelho de TV antigo, disco de vinil, máquina fotográfica antiga, máquina digital, computador ou lep top, CD musical, cartão de crédito, disquete, aparelho data show, celular...

1. Acolhida

Acolher os/as jovens com uma música instrumental e, em seguida, cantar o refrão meditativo:

*Confiemo-nos ao Senhor,
Ele é justo e tão bondoso,
Confiemo-nos ao Senhor, Aleluia.*

O grupo pode pensar, ainda, uma outra dinâmica.

2. Relembrando o encontro anterior

Enquanto a música toca, convidar os/as jovens para fazer memória do que se passou no encontro anterior. Pensar nos compromissos assumidos. No caminho que o grupo está fazendo, retomar os temas dos últimos encontros. Depois, fazer uma partilha.

3. Olhando para a realidade

a) falar do objetivo do tema do dia e pedir para que os/as mesmos/as olhem para os elementos e palavras espalhados pela sala.

b) os/as jovens são orientados/as, em duplas ou trios, a escolherem uma palavra ou um elemento e discutirem sobre as idéias que vêm à cabeça, orientados/as pela pergunta: Qual a relação dessa palavra ou elemento com a minha vida, com as pessoas que me cercam e com a minha comunidade?

Partilha da conversa

c) a coordenação convida o grupo a ler o texto “Globalização” e relacionar as idéias do grupo com o conceito de globalização (ver anexo1).

Pergunta:

Que atitudes podemos ter diante das influências da globalização?

Cantar, juntos/as, a música: “Até quando?”, de Gabriel o Pensador.

Disponibilizar a letra da música pra todos/as (anexo 2).

4. À Luz da Palavra de Deus

A mística de Jerusalém a ser cultivada, exige de nós beber sempre a utopia que brota do coração de Deus. O profeta Isaías tem palavras lindas sobre isso. A globalização que vemos nos preocupa, mas sabemos também que os projetos que sonhamos são de vida para todos.

Canto de acolhida da Palavra:

*É como a chuva que lava,
é como o fogo que abrasa,
tua palavra é assim
não passa por mim sem deixar um sinal.*

Leitura: Isaías 55,6-13.

- O grupo fica em silêncio por um tempo. Depois é convidado a dizer: Em meio ao mundo globalizado, que sinal nós jovens devemos ser?

5. Assumindo o compromisso com a vida

Fazemos parte do mundo globalizado, no entanto nem todas as pessoas são consideradas por e neste mundo. Elas são excluídas. Por exemplo, um dos aspectos que identifica a globalização é a tecnologia, a informação... e tem muitos jovens que nem sabem como mexer em computador e não têm acesso à Internet.

Sugestão: Fazer um diagnóstico do local para perceber como é o acesso da juventude a esses meios e se há falta de programas de inclusão digital. Se sim, que tal o grupo buscar alternativas de programas que façam este trabalho?

6. Celebrando a vida

Rezar juntos o Pai-Nosso.

7. Avaliando

O que mais nos chamou atenção na reunião? Que aspectos serviram para me auxiliar na tomada de consciência da sociedade onde vivo?

8. Preparação para o próximo encontro

Para ajudar no próximo encontro, a coordenação pode se preparar lendo o texto "Transformações Recentes", especialmente a parte que fala da "Revolução das Comunicações".

Uma dica

O grupo pode procurar outros textos e outras canções, ou poesias que possam ajudar na preparação do encontro.

Sugestões

Música: "Construção" de Chico Buarque; "Será", da Legião Urbana.

Filme: "Cidade dos homens", episódio IV, Vólace e João Vitor.

Documentos: "Civilização do amor: Tarefa e Esperança", do Setor Juventude do CELAM e "Evangelii Nuntiandi, do Papa Paulo VI.



ANEXOS



Anexo 1

Texto: Globalização

A globalização é um dos processos de aprofundamento da integração econômica, social, cultural e espacial e barateamento dos meios de transporte e comunicação dos países do mundo no final do século XX. É um fenômeno observado na necessidade de formar uma Aldeia Global que permita maiores ganhos para os mercados internos já saturados.

A rigor, as sociedades do mundo estão em processo de globalização desde o início da História. Mas o processo histórico a que se denomina Globalização é bem mais recente, datando (dependendo da conceituação e da interpretação) do colapso do bloco socialista e o conseqüente fim da Guerra Fria (entre 1989 e 1991), do refluxo capitalista com a estagnação econômica da URSS (a partir de 1975) ou ainda do próprio fim da Segunda Guerra Mundial.

As principais características da Globalização são a homogeneização dos centros urbanos, a expansão das corporações para regiões fora de seus núcleos geopolíticos, a revolução tecnológica nas comunicações e na eletrônica, a reorganização geopolítica do mundo em blocos comerciais regionais (não mais ideológicos), a hibridização entre culturas populares locais e uma cultura de massa supostamente "universal", entre outros.

Globalização econômica

Origens

A globalização é um fenômeno capitalista e complexo, que se desenvolveu a partir da Revolução Industrial. Mas o seu conteúdo passou despercebido por muito tempo, e hoje muitos economistas analisam a globalização como resultado do pós Segunda Guerra Mundial, ou como resultado da Revolução Tecnológica. Enquanto Paul Singer vê a expansão comercial e marítima européia como um caminho pelo qual o capitalismo se desenvolveu assim como a globalização, Maria da Conceição Tavares aposta o seu surgimento na acentuação do mercado financeiro, com o surgimento de novos produtos financeiros.

Conceito e avaliação

Apesar das contradições, há um certo consenso a respeito das características da globalização que envolve o aumento dos riscos globais de transações financeiras, perda de parte da soberania dos Estados com a ênfase das organizações supragovernamentais, aumento do volume e velocidade como os recursos vêm sendo transacionados pelo mundo, através do desenvolvimento tecnológico, etc. Além das discussões que envolvem a definição do conceito, há controvérsias em relação aos resultados da globalização. Tanto podemos encontrar pessoas que se posicionam a favor como contra (movimentos antiglobalização).

A Globalização é um fenômeno moderno dos nossos dias e que surgiu com a evolução dos novos meios de comunicação cada vez mais rápidos e mais eficazes. Há, no entanto, aspectos tanto positivos quanto negativos na Globalização. No que concerne aos aspectos negativos há a referir a facilidade com que tudo circula, não havendo grande controle como se pode facilmente depreender pelos atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos da América. Esta globalização serve para os mais fracos se equipararem aos mais fortes, pois tudo se consegue adquirir através desta grande autoestrada informacional do mundo que é a Internet.

Outro dos aspectos negativos é a grande instabilidade econômica que se cria no mundo, pois qualquer fenômeno que acontece num determinado país atinge rapidamente outros países criando-se contágios que, tal como as epidemias, se alastram a todos os pontos do globo como se de um único ponto se tratasse. Os países cada vez estão mais dependentes uns dos outros e já não há possibilidade de se isolarem ou remeterem-se no seu ninho, pois ninguém é imune a estes contágios positivos ou negativos. Como aspectos positivos temos, sem sombra de dúvida, a facilidade com que as inovações se propagam entre países e continentes, o acesso fácil e rápido à informação e aos bens. Levando em conta a totalização dos serviços econômicos gerados pela macro-inflação gerou uma homogeneização em toda a cultura afro-descendente no Brasil, levando a uma ruptura nos dogmas religiosos formadores de uma consciência benevolente que leve, dentre outras coisas, a ruptura dos laços afetivos.

Busca do lucro no desprezo da qualidade humana e ambiental.

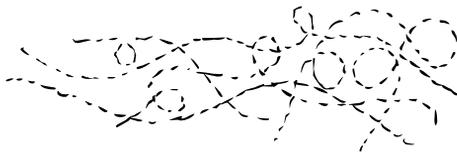
O processo de globalização tem sido questionado e tem-se associado a aspectos negativos, muitas vezes por seguir a manada, outras vezes como

instrumento político, mas em relação aos que refletem porque criticam racionalmente, fazem-no para elevar a ponderação de direitos sociais dos trabalhadores. Uma vez para evitar uma deslocalização de uma empresa ou fábrica para países onde as regras de trabalho não são tão rigorosas.

Os estados capitalistas têm estado de alguma forma de pés atados nestes campos, mas tem surgido a óptica de poder bloquear a entrada de produtos de uma dada empresa de um outro país quando esta não cumpra com certos critérios que são obrigatórios no país, como os critérios laboriais, condições de trabalho, critérios ambientais. O outro lado da medalha é que quando as grandes empresas se deslocalizam para esses países em vias de desenvolvimento e as regras de conduta a empresas ainda não está totalmente apurada, o que se passa é que essas empresas pagam e regem a sua conduta de excepcionalmente para os critérios desse país, sendo empresas com grande fator atrativo para as pessoas desse país. Em última análise, essa transferência de capitais para os em vias de desenvolvimento irão conduzir a um desenvolvimento do país e eventualmente a uma uniformização de critérios em termos mundiais. O que realmente os críticos da globalização apontam é que até se atingir esses critérios uniformes mundiais, iria-se demorar muito tempo.

Não confundir com a liberalização da economia onde permite a entrada de produtos mundiais num país, onde têm preços muito baixos, destronando a produção local e desemprego local. O que se coloca em causa é a forma como eles são produzidos, em condições subumanas, exploração, violação de direitos humanos, ambientais e muitas vezes como uma qualidade questionável, isto sob os critérios ditos estabelecidos pelas sociedades desenvolvidas.

Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre





Anexo 2

Música: Até quando?

Gabriel o Pensador

Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve
Você pode e você deve, pode crer

Não adianta olhar pro chão, virar a cara pra não ver
Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus sofreu
Não quer dizer que você tenha que sofrer

Até quando você vai ficar usando rédia
Rindo da própria tragédia?
Até quando você vai ficar usando rédia
Pobre, rico ou classe média?
Até quando você vai levar cascudo mudo?
Muda, muda essa postura
Até quando você vai ficando mudo?
Muda que o medo é um modo de fazer censura

Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ser saco de pancada?

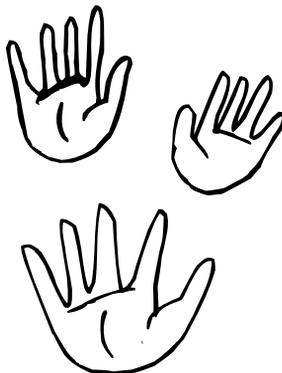
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ficar sem fazer nada?
Até quando você vai levando porrada, porrada?
Até quando vai ser saco de pancada?

Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente
Seu filho sem escola, seu velho tá sem dente
Você tenta ser contente, não vê que é revoltante
Você tá sem emprego e sua filha tá gestante
Você se faz de surdo, não vê que é absurdo
Você que é inocente foi preso em flagrante
É tudo flagrante
É tudo flagrante

REFRÃO

A polícia matou o estudante
Falou que era bandido, chamou de traficante
A justiça prendeu o pé-rapado
Soltou o deputado e absolveu os PMs de Vigário

REFRÃO



A polícia só existe pra manter você na lei
 Lei do silêncio, lei do mais fraco:
 Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco

A programação existe pra manter você na frente
 Na frente da TV, que é pra te entreter
 Que pra você não ver que programado é você

Acordo num tenho trabalho,
 procuro trabalho, quero trabalhar
 O cara me pede diploma,
 num tenho diploma, num pude estudar
 E querem q'eu seja educado,
 q'eu ande arrumado, q'eu saiba falar
 Aquilo que o mundo me
 pede não é o que o mundo me dá

Consigo emprego,
 começo o emprego, me mato de tanto ralar
 Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra
 raciocinar
 Não peço arrego mas
 na hora que chego só fico no mesmo lugar
 Brinquedo que o filho me pede num tenho dinheiro pra dar

Escola, esmola
 Favela, cadeia
 Sem terra, enterra
 Sem renda, se renda. Não, não

REFRÃO

Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente
 A gente muda o mundo na mudança da mente
 E quando a mente muda a gente anda pra frente
 E quando a gente manda ninguém manda na gente

Na mudança de atitude não há mal que não se mude nem
 doença sem cura
 Na mudança de postura a gente fica mais seguro
 Na mudança do presente a gente molda o futuro

Até quando você vai levando porrada?
 Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai ficar de saco de pancada?
 Até quando você vai levando?

2º Ponto

Nas
tramas da
comunicação.



Objetivo do encontro

Ajudar na aquisição de uma leitura consciente e crítica dos fatos noticiados pela mídia, aprendendo a ver, não só os fatos, mas o que está por detrás dos fatos.

Material

Jornais, revistas, uma caixa ou pote, Bíblia.

Ambientação

Revistas semanais diferentes e jornais do dia espalhados pelo chão. Colar nas paredes algumas manchetes, notícias sobre juventude (propagandas, anúncios publicitários).

A coordenação prepara, antes, manchetes recortadas de jornais ou revistas sobre diversos fatos acontecidos no último mês (local ou nacional), colocando-os numa caixa, cesta ou num pote...

1. Acolhida

Uma pessoa, vestida como apresentador/a ou como repórter de uma TV, faz uma espécie de programa de auditório ao vivo:

→ *Oi, boa-noite / tarde para todos/as. Sejam bem-vindos/as ao nosso programa do grupo (nome do grupo). Nosso encontro hoje é muito especial, pois estamos aqui com pessoas de vários lugares. Vamos ver? O/A apresentador/a pergunta para alguns jovens: Oi, qual é seu nome? O que você mais gosta de fazer? Você gostaria de mandar um recadinho para alguém do grupo?*

É importante que o/a apresentador/a faça coisas do tipo, perguntar e não deixar as pessoas responderem direito, interpretar as falas das pessoas de forma equivocada... Essa dinâmica é para fazer um ambiente descontraído, mas também para ir colocando o pessoal no espírito do tema.

2. Memória do encontro anterior

Previamente, o/a coordenador/a pode preparar um informe da reunião anterior em forma de jornal, boletim, informativo... Lembra os compromissos assumidos no ponto anterior.

3. Olhando para a realidade

a) falar da temática que será discutida no encontro. Depois, passar a caixinha, ou o pote, com as manchetes e cada jovem pega um. Em seguida, pedir para que cochichem dois a dois sobre a manchete que recebeu: o que essa notícia diz para mim? Ouviu algum comentário das pessoas sobre essa notícia?

b) o/a coordenador/a da reunião pede para que dois membros saiam da sala e explica-lhes, reservadamente, que eles terão que noticiar um mesmo fato, porém com visões diferentes, contrárias.

Exemplo:

Manchete: "Brasil desclassificado da Copa do Mundo".

Repórter 1: noticiar a desclassificação, enfatizando o fato de o Brasil ter jogado mal (criticar os jogadores, o técnico...).

Repórter 2: noticiar a desclassificação, enfatizando a boa atuação do time francês (destacar a atuação de Zidane como diferencial...).

(Se possível, escolher um tema bem concreto, próximo da realidade do grupo.)



Obs.: dramatizar em forma de telejornal. Primeiro, um/a repórter senta em uma cadeira à frente do grupo e fala como se fosse um/a jornalista mesmo; em seguida, ele/a se retira ("o grupo troca de canal") e o/a segundo/a jornalista repete a mesma cena, trazendo a sua versão do fato.

Após a dramatização, o grupo reflete a partir das seguintes perguntas: qual a diferença nas notícias? Por que será que um jornal noticiou de uma forma e um outro o fez sob uma forma diferente? A quem interessa o ser enfatizado um lado em detrimento de um outro?

Para aprofundar

Sugestão: trazer dados sobre os meios de comunicação no Brasil, tais como: TV aberta, jornais impressos, rádios; quais os interesses dessas empresas de comunicação? Qual sua influência na sociedade em geral? Quem são os/as donos dos meios de comunicação na cidade/região? Que interesses eles têm?

4. À Luz da Palavra de Deus

Na Jerusalém em que vivemos somos levados a "ver" muita coisa. Contudo, é preciso aprender a ver. Adquirir uma consciência crítica é uma graça a ser pedida todo dia. A mística de Jerusalém não pode mover-se na ingenuidade.

Canto de acolhida da Palavra:

*Toda palavra é uma forma de comunicar
e toda fala é uma forma da gente se dar.
Põe a semente na terra, não será em vão,
não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.*

Alguém do grupo faz a leitura de Marcos 8, 27-33.

Refletindo a Palavra

Como as pessoas, em geral, "noticiavam" Jesus? Como os Apóstolos o anunciavam? O que tem a ver com nossa reflexão sobre comunicação?

5. Assumindo o compromisso com a vida

Convidar o grupo para o compromisso de não ficar preso a uma única emissora e programas, mas ver outras emissoras e comparar as notícias, percebendo como as mesmas são noticiadas.

Pensar uma maneira de o grupo fazer assinaturas de jornais e revistas como o jornal "Brasil de Fato", a revista "Carta Capital" ou "Caros Amigos", para que os/as jovens possam ter acesso a outros meios de informações (veja no **anexo 2**, como fazer assinaturas deste material).

6. Celebrar a vida

Como cristãos e cristãs somos convidados a, como Jesus, ser profetas e profetizar comunicando-nos com o povo de forma que contribua para com a vida e não com a morte.

Para que sejamos fortalecidos e fortalecidas nesta missão, rezemos juntos/as: (anexo1)

7. Avaliando

Em duplas, avaliar a reunião a partir das seguintes questões:

- Em que a reunião nos ajudou a ter uma postura mais crítica frente aos meios de comunicação em massa?
- Que elementos poderiam ser aprofundados pelo grupo num outro momento?
- Quais os aprendizados que tiramos a partir deste encontro?

8. Preparando o próximo encontro

Motivar a todos/as para virem para o próximo encontro, onde se iniciará uma reflexão bem legal sobre participação popular. Ver o que pode ajudar a preparar o encontro.





ANEXOS

→ Anexo 1

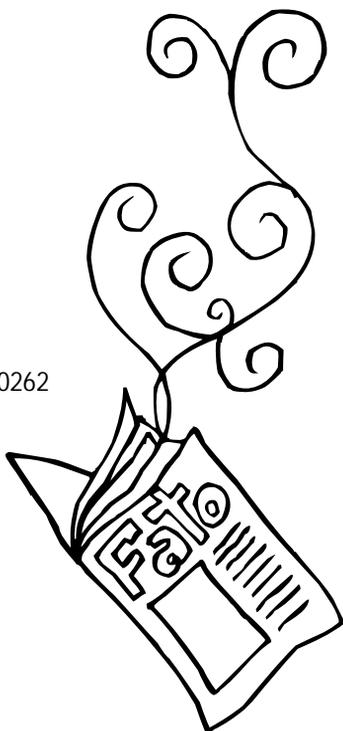
Poema: Vento de Deus
D. Pedro Casaldáliga

Tu que sopras onde queres,
Vento de Deus dando vida,
Sopra-me, sopra fecundo!
Sopra-me vida em teu sopra!
Faze-me todo janelas,
Olhos abertos e abraço.
Leva-me em Boa Notícia
Sobre os telhados do medo.
Passa-me em torno das flores,
Beijo de graça e ternura.
Joga-me contra a injustiça
Em furacão de verdade.
Deita-me em cima dos mortos,
Boca-profeta a chamá-los.

→ Anexo 2

Contatos para assinatura de algumas
revistas que recomendamos:

- Revista "Carta Capital"
www.cartacapital.com.br
fone: (11) 3038-1483 ou 0800 7070262
- Revista "Caros Amigos"
www.carosamigos.com.br
fone: (11) 3038-1468
- Jornal "Brasil de Fato"
www.brasildefato.com.br
fone: (11) 2131-0815
- Revista "Redemoinho"
redemoinho@terra.com.br



TRILHA 04

participação popular e políticas públicas

Uma característica da pessoa humana é a capacidade de sonhar, isto é, de ter utopias. Na Jerusalém que vivemos e sonhamos, um modo de convivência central é o da participação. Deus quer que sejamos, como Ele, criativos; não nos entregou o mundo pronto. Ele sonha com a nossa participação. Não somos felizes esperando que as coisas se apresentem “prontas”, vindas “de cima”, autoritárias. É preciso meter as mãos na massa e colaborar na construção da sociedade que desejamos, sem males. Dentro de nós mora a vocação de “protagonistas”, de pessoas que tenham identidade e sejam sujeitos de sua história e da história da sociedade. Nessa vontade de colaborarmos e lutarmos pelos direitos que temos, o exemplo da mulher cananéia pode dar-nos uma bela lição de envolvimento. É o assunto do primeiro Ponto.

Tratamos, no segundo Ponto, das Políticas Públicas, uma forma de não deixar o trem da história passar. De vez em quando deixamo-nos levar pela idéia de que é melhor receber as coisas feitas. A mística de Jerusalém não diz isso.

No terceiro Ponto dessa Trilha, insistimos, mais uma vez no assunto, procurando mostrar que as formas de compromisso podem ser muitas e variadas. Assim como são variados os nossos “carismas”, isto é, os dons que Deus colocou em nós. Que a leitura da primeira Carta de Paulo aos Coríntios (cap. 12) nos desafie a sermos inteligentes na mística que conseguimos vislumbrar para a Jerusalém que se apresenta como realidade e sonho.



1º Ponto

Sonhar um mundo sem males.

Objetivo do encontro

Amadurecer os ideais, que nos movem num mundo de negação dos valores, a solidariedade e a justiça de um outro mundo sem males, mostrando que os sonhos precisam ser construídos.

Material

Uma planta, Bíblia, tecido, cartolina e outros papéis, gravuras, canetinhas ou pincel atômico, fotos, fita adesiva. Aparelho de som, CDs, cópias, alfinetes, barbante ou fita. O anexo sobre o bom samaritano pode ajudar no aprofundamento da reflexão.

Ambientação

Formar um círculo em volta de uma pequena planta e uma Bíblia em um tecido azul; nas paredes em volta, colocar desenhos de sol, pássaros, pipas/raias/papagaios e imagens que representem os desejos que temos de um outro mundo sem males.

1. Acolhida

a) olhar nos olhos das amigas e dos amigos presentes no encontro, tentando expressar a felicidade da presença neste momento;

b) dizer o quanto é bom e importante que tenham este espaço para se encontrarem;

c) convidar o grupo para dançar em roda fazendo uma saudação universal pela comunhão entre a humanidade a partir dos seguintes passos:

De mãos dadas, começar a cantar “Deus vos salve Deus”, dando um passo para a direita e três para a esquerda, reverenciando com as mãos juntas e curvando o corpo para o centro, por fim retomando a postura inicial e dando as mãos. Saudação em comunhão com todas as pessoas que buscam a justiça de Deus em seus diversos caminhos espirituais:



*Deus vos salve, Deus,
Deus vos salve, Deus,
Deus salve o universo*,
Onde mora Deus!
Vos salve Deus.*

(*) A palavra 'universo' pode ser trocada na sequência de repetição por outras como: casa, comunidade, juventude...

2. Memória do caminho

a) recordar um sinal forte da reunião passada;

b) se houver ação proposta a ser realizada da última reunião para esta, motivar que, espontaneamente, façam a partilha.

3. Olhando para a realidade

a) distribuir papéis de 10 cm x 15 cm, em parte pintados em tons de azul escuro. A parte não pintada se utilizará para escrever;

b) indicar que escrevam valores que existem no mundo em que vivemos;

c) conversar sobre o que esses valores provocam na nossa sociedade;

d) pregar na parede ou quadro:

1) de um lado, os valores que são os causadores dos males de nossa terra/mundo;

2) de outro, os valores que superam os males.

4. À Luz da Palavra de Deus

Um/a jovem vai ao centro, ajoelha-se diante da Palavra, faz referência e convida que se aproximem, pois vai anunciar a Boa Nova de Jesus e dizer de novo que a construção da nossa utopia exige uma mudança profunda.

Ler Lucas 10, 25-37.

- a) após a leitura, pregar na parede dois papéis retangulares, presos na vertical;
- b) na parte superior destes, escrever: no primeiro, QUEM?; no segundo, FAZENDO O QUÊ?
- c) reler o texto, buscando responder às questões;
- d) conversar sobre os valores que Jesus traz no texto e os valores que vemos sendo vividos hoje;
- e) distribuir papéis de 3 cm x 5 cm, em tons de vermelho, com a frase: “Eu sonho com um mundo sem males em que...”;
- f) ouvir a música “Aquarela”, de Toquinho, enquanto escrevem;
- g) ao terminar, prender na roupa, com alfinete, a ficha e ir se juntando no centro do ambiente, desordenadamente;
- h) ao parar a música, dizer que, de onde estiverem, sem se virarem ou trocarem de lugar, dêem as mãos;
- i) lembrar de como vivemos um momento de dificuldades e dispersão, por isso devemos aprender que, para transformar os sinais de dor, é preciso aprender a caminhar coletivamente;
- j) ir desatando os nós até formar um círculo.

5. Tatuando nossas vidas

- a) entrelaçando os braços para ficarem mais próximos, motivar que assumam esse valor da construção de Outro Mundo Sem Males em alguma ação concreta;

b) para guardar esse valor bem próximo dos nossos corações, todas as pessoas desentrelaçam os braços e pegam seu papelzinho, dobram-no e enrolam-no em arame fino até protegê-lo bem;

c) fazer como um pingente e amarrar num cordão de algodão, corda ou outro material que deve ser usado como sinal de compromisso.

6. Celebrando a vida

Entoar o refrão meditativo “O Reino de Deus é paz e justiça, e gozo no Espírito Santo. Cristo vem abrir em nós, as portas do teu Reino” (caso o grupo não conheça a melodia, pode ir repetindo alternadamente à leitura).

7. Minhas impressões

a) espontaneamente os/as participantes são convidados/as a denunciar uma situação que precisa ser mudada no grupo ou na comunidade;

b) da mesma forma, após algumas falas, motivar que anunciem a vivência do Outro Mundo Sem Males em nosso meio.

8. Preparando o próximo encontro

a) A coordenação verifica a necessidade de pessoas e objetos para realizar a próxima reunião.

b) Para a próxima reunião, com o tema “O Caminho para Um Outro Mundo Sem Males”, solicitar que algumas pessoas tragam biscoitinhos.





ANEXOS

→ Anexo 1

Texto: Pensando no Samaritano...

Com muita frequência, enquanto Jesus estava em Jerusalém, Ele falava ao povo nos átrios do Templo, com palavras bem fáceis de entender por todos 'e todas'. O discurso dos escribas e doutores era obscuro, misterioso, como para marcar bem a diferença entre eles - que eram "sábios" - e a massa ignorante. Os mesmos escribas e fariseus haviam retirado das Escrituras toda a força profética, através de suas interpretações moralizantes.

Como leigo, sem estudos, com a linguagem do povo, Jesus apresentava aos seus conterrâneos sua própria interpretação das Escrituras, tão livre, frente à dos especialistas que era surpreendente para o povo e irritante para os teólogos oficiais. Indo para Jerusalém, um deles (veja Lucas 10, 25-37) lhe apresenta um problema de interpretação da Lei. A pergunta do mestre da Lei é uma pergunta teórica: qual é o mandamento principal? Jesus não irá respondê-la teoricamente, mas com um exemplo bem concreto.

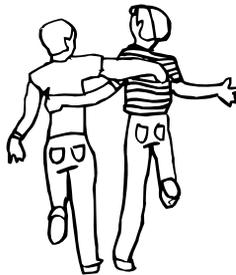
A atitude religiosa não consiste somente em aceitar mais ou menos dogmas, saber o catecismo com sua lista de verdades e seu catálogo de normas morais; a fé não está somente na cabeça, mas também nas mãos, em nosso agir. Ações concretas não dirigidas a Deus que não vemos, mas aos irmãos, que vemos. Esta é a medula da mensagem de Jesus, de toda a fé cristã (Mt 5, 23-24; Tg 1,22-27 e 2, 14-26; 1Jo 3,11-18 e 4, 19-21).

Pelo caminho, entre Jerusalém e Jericó, passaram primeiro os sacerdotes, um grupo poderoso na sociedade de Israel. Controlavam o culto e o Templo, tendo exclusividade em muitos ritos. Com um pouco menos de poder, vinham os levitas. Aliados e subordinados aos sacerdotes, prestavam serviço ao Templo como a música, a limpeza, a polícia, os objetos sagrados. Tinham participação restringida em alguns ritos. Alguns, com formação nas Escrituras, atuavam como catequistas. No tempo de Jesus, havia uns 10.000 desses levitas. Para sacerdotes e levitas, o Templo (seu serviço, seu esplendor) era o valor primeiro, a principal obrigação religiosa. As leis de

pureza os proibiam, por outro lado, de se aproximar de um cadáver. Buscando desculpas, a pureza ritual, a pressa, o desprezo que sentiam pela "gentalha", não se aproximaram do ferido no caminho. E ao fazer isso, pensaram agradar a Deus.

Ao usar um samaritano como terceiro personagem de sua história, Jesus surpreendeu a todos e todas e irritou o teólogo que lhe havia perguntado. Os samaritanos eram sumamente malvistas pelos israelitas, que sentiam por eles um profundo desprezo, mescla de nacionalismo e racismo. Além disso, o samaritano, de quem Jesus fala aqui, não era um homem religioso. (...) Usando esse exemplo extremo, Jesus vai responder à pergunta teórica que lhe foi formulada pelo doutor: ama a Deus quem ama o companheiro/a ferido/a. Basta isso. Assim, para Jesus, um marginal da instituição, um 'não religioso', um mestiço desprezado, se apresenta como o homem autenticamente religioso. Tremendamente escandalosa, a parábola do bom samaritano é uma das mais subversivas de Jesus.

A palavra original que Jesus emprega na parábola do bom samaritano não é "próximo", mas "plesión" (em grego), equivalente a "rea" (em aramaico) e, para nós, "companheiro". (...) "Próximo" não é aquele ou aquela que encontramos em nosso caminho, mas aqueles e aquelas em cujo caminho nos colocamos. O amor verdadeiro exige uma atitude ativa de solidariedade, de busca e de aproximação.



2º Ponto



O caminho
para um
outro mundo
sem males.



Objetivo do encontro

Despertar nos e nas jovens os caminhos de concretização dos direitos da população através das Políticas Públicas, superando a tentação do grupo ficar somente nas boas intenções.

Material

Pote, balinhas ou doces, livro, bola, máscara, cartela de remédios, Bíblia, vela, aparelho de som, CDs, papel sulfite ou chamex, caneta, balões coloridos.

Ambientação

Ter um pequeno pote com balinhas ou doces cristalizados que possam ser comidos até que todos e todas cheguem ou estejam na hora de começar. No local do encontro, colocar no centro, um livro escolar, uma bola, uma máscara teatral e uma cartela de remédios ou objetos/desenhos sobre equivalentes (educação, lazer, cultura e saúde) em torno de uma Bíblia com uma vela, se possível de várias cores.

1. Acolhida

Acolher com um abraço e apresentar as pessoas novas. Fazer brincadeiras livres e cantar músicas alegres.

2. Lembrando o encontro anterior

Motivar para que partilhem, espontaneamente, como foi realizar o compromisso assumido no encontro passado (deixar três ou quatro pessoas falarem).

3. Olhando para a realidade

Preparar balões com frases não acabadas: o prédio da escola tem.../ o meu setor não tem.../ os meus professores e professoras.../ para ir ao posto de saúde ando.../ os remédios são... (ou outras semelhantes);

Explicar que irão brincar de idéias que explodem. Cada pessoa pega um balão, enche no ritmo da música e, ao sinal, o estouram;

Quando encherem os balões, pedir que amarrem e joguem para outros e outras, sem deixar que nenhum caia;

Ao estourarem os balões, devem pegar os papezinhos que estavam dentro deles. Cada pessoa completa a frase dizendo como é, onde mora;

Após dizerem da realidade de onde moram, um ou uma participante previamente é convidado/a a ler o texto "Como os direitos acontecem na vida" (anexo1) e deixar que façam comentários.

4. À Luz da Palavra de Deus

Para fundamentar-nos na vivência mística da luta pelos direitos na Jerusalém que sonhamos e no mundo que desejamos construir podemos recorrer ao exemplo de uma mulher "estrangeira" pedindo a ajuda de Jesus Cristo. Na implantação de Políticas Públicas precisamos ter atitudes muito firmes e perseverantes.

Entoar o refrão meditativo:

· · · · ·
· *Ó luz do Senhor,*
· *que vem sobre a Terra;*
· *inunda teu Povo,*
· *com teu esplendor.*
· · · · ·

Um ou uma jovem se aproxima da Palavra, reverencia-a, a pega e a eleva acima da cabeça, como que oferecendo a Deus. Em seguida, convida para que todos se aproximem da Palavra. Antes de ler, o/a jovem diz que o acontecido situa-se em Tiro e Sidônia, fora da Palestina do tempo de Jesus. De vez em quando achamos que a mística de Jerusalém fica nela mesma e perdemos o espírito missionário.

Leitura de Mateus 15,21-28.

Enquanto lê, vai repetindo as frases mais reveladoras do amor de Deus pela humanidade. Tendo concluído a leitura, faça-se um momento de silêncio. Pedir, depois, que relembrem como Jesus age nessa história, deixando aparecer diferentes contribuições.

Entoar novamente o refrão.

5. Assumindo o compromisso com a vida

- a) distribuir pequenos papéis de cor vermelha e azul;
- b) orientar para que assistam o jornal televisivo e anotem nas fichinhas vermelhas as ações do governo para concretizar direitos e, nas azuis, os direitos que são deixados de lado ou aos quais não se dá atenção;
- c) indicar que podem levar para pregar no painel da comunidade ou pedir a um amigo ou uma amiga para trazer, no próximo fim de semana.

6. Celebrando a vida

Formar um círculo e dançar a ciranda:

-
- *“Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós, ela é de todas nós.*
- *A melodia principal quem guia, é a primeira voz, é a primeira voz...”*
- *(Ou outra conhecida do grupo).*
-

Finalizar a ciranda com um grande abraço e com a partilha dos biscoitos trazidos pelos/as jovens.

7. Avaliando

- a) espontaneamente, os/as participantes são convidados/as a denunciarem uma situação que precisa ser mudada no grupo ou na comunidade em relação à construção das Políticas Públicas;
- b) da mesma forma, após algumas falas, motivar que anunciem a vivência do Outro Mundo Sem Males em nosso meio, fatos e ações que são sinal da transformação, de cuidado, de respeito, de acolhimento, de luta pela efetivação de direitos.

8. Preparando o próximo encontro

- a) a coordenação verifica a necessidade de pessoas e objetos para realizar a próxima reunião.
- b) Sugestão: o grupo visitar ou convidar alguém que faz parte de Conselhos de Direitos para estar na reunião e falar sobre o Conselho, qual o papel, quem participa, as conquistas, desafios...



ANEXOS



Anexo 1

Texto: Como os direitos acontecem na vida

Num Estado republicano (res-pública = coisa de todos e todas), todas as políticas (ações do Estado) são voltadas para os interesses de todos e todas. Acontece que é preciso haver organização para exigir que um direito seja efetivado através de políticas. Quando os banqueiros acham que seu direito de ganhar lucros está ameaçado, eles se unem para exigir que os governos criem ações que revertam o problema, como aumentar taxas sobre os serviços e empréstimos.

Da mesma forma, se quisermos que hajam mais postos de saúde pela cidade, temos que pensar em ações que possam pressionar a prefeitura a realizar políticas para a implantação de mais postos de saúde. Garantindo, desde estrutura, a planos de cargos e salários para o funcionalismo. Devem ser entendidas como resposta a uma demanda da comunidade.

As Políticas Públicas são construídas pelas forças sociais presentes na comunidade, entre elas as organizações sociais, grupos de jovens espalhados por todo o Brasil. É através da pressão da sociedade que elas se efetivam. Veja o caso das Políticas de Juventude implantadas através do Plano Nacional de Juventude. Só entraram na agenda do governo porque havia organizações juvenis que, ao apoiarem o governo, exigiam essa políticas.

Além disso, as Políticas Públicas precisam ser controladas por todos através dos conselhos municipais de saúde, educação, assistência social, defesa de direitos, fórum de entidades, ministério público e organizações sociais. São estas forças que garantem a qualidade dos serviços prestados à população.

3º Ponto

Vivendo a
terra sem
males.

➔ **Objetivo do encontro**
Conhecer a diversidade de espaços e formas de participação no mundo, como concretização da mudança rumo à Terra Sem Males.

Material

Tecido colorido ou retalhos, peneira, Bíblia, figuras ou fotos, cartolina, pincel atômico ou canetinhas, barbante, aparelho de som, CDs.

Ambientação

O espaço deve estar bem preparado, com um tecido colorido ou retalhos, e uma Bíblia em uma peneira no centro da sala, rodeados por figuras de jovens envolvidos/as em atividades sociais (distribuição de alimentos, roupas, mutirão de construção, passeatas, etc...) e atividades culturais, Hip-Hop, teatro...

1. Acolhida:

a) fazer brincadeiras de roda até que cheguem todos e todas;

b) convidar para ficarem em círculo;

c) iniciar com a saudação, "O Deus que vive em mim, saúda o Deus que vive em você", com um abraço;

d) perguntar sobre o horário em que a maioria precisa sair, para saber quanto tempo deve demorar nas dinâmicas.

2. Relembrando o encontro anterior

Motivar que partilhem espontaneamente como foi realizar o compromisso assumido no encontro passado (deixar três ou quatro pessoas falarem).

3. Olhando para a realidade

a) colocar uma cartolina na parede, com a palavra "participação", escrita na parte superior;

b) motivar que escrevam no espaço que sobrou o que é participação;

c) na peneira em que está a Bíblia, um pedaço de tecido ou papel em forma de triângulo ou estrela com um barbante (de cores variadas), amarrado em uma das pontas. Indicar que escrevam nesse triângulo/estrela, uma forma ou espaço de participação que conhece ou em que já participou (nesse momento colocar música suave);

d) a organização do encontro prepara, antes do encontro, alguns extras que podem amarrar, caso ninguém os cite como: (partidos, grupo de jovens, grêmios estudantis, centros acadêmicos, diretórios de estudantes, uniões estudantis, sindicatos, grupos de estudos (Bíblia, realidade...), grupos de artes (teatro, dança...), associações comunitárias (doceiras, produção de farinha...), conselhos públicos de garantia de direitos (juventude, saúde, educação, infância e adolescência, assistência social...), de esportes...

e) abrir uma conversa para que comentem sobre os espaços de participação, se conhecem? Os que não conhecem? Se concordam?

4. À Luz da Palavra de Deus

Uma jovem dirige-se ao centro cantando:

*“Tua palavra é lâmpada para os meus pés, Senhor.
Lâmpada para os meus pés e luz,
luz para o meu caminho.
Lâmpada para os meus pés e luz,
luz para o meu caminho”.*

ajoelha-se diante da Palavra a reverenciando e toma-a nas mãos;

após um beijo na Palavra, ela olha para as pessoas e, antes de ler, diz que vamos ouvir mais um texto sobre a diversidade, no qual nos toca viver a mística de Jerusalém. O trecho é do apóstolo Paulo aos moradores de Corinto.

Lê, 1 Cor 12, 22-25;

Entoar novamente o refrão meditativo que acolheu a Palavra. Pedir que expressem: o que que é luz para o caminho, nesse texto?

5. Assumindo o compromisso com a vida

a) convidar cada um/a para um compromisso pessoal de participar de espaços que contribuam para a melhoria da escola, da própria casa, da comunidade, da cidade e do país;

b) como sinal desse compromisso, em atender sempre o chamado a ser luz no mundo, cada pessoa escreve o seu próprio nome em uma das estrelas.

6. Celebrando a vida

a) pendurar a estrela com os barbantes em um espaço da comunidade em que mais pessoas possam ver com uma legenda/frase explicativa abaixo;

b) ao caminhar para esse lugar, entoar o refrão meditativo:

*Vidas pela vida!
Vidas pelo Reino!
Vidas pelo Reino!
Todas as nossas vidas
Pelas suas vidas
Pela vida Dele
O Mártir Jesus!*

(Caso o grupo não conheça a melodia, pode ir repetindo alternadamente à leitura).

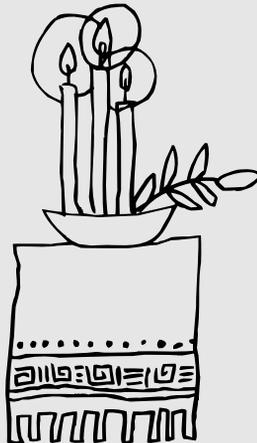
7. Avaliando

a) espontaneamente, os/as participantes são convidados/as a denunciar uma situação que precisa ser mudada no grupo ou na comunidade;

b) da mesma forma, após algumas falas, motivar que anunciem a vivência do Outro Mundo Sem Males em nosso meio.

8. Preparando o próximo encontro

A coordenação verifica a necessidade de pessoas e objetos para realizar a próxima reunião, caso a reunião já esteja planejada. Caso não esteja, escolhe o tema e os responsáveis pela realização da reunião.





ANEXO



Anexo 1

Texto: Civilização do amor:

O outro mundo sem males para as pastorais da juventude

Carinhosamente, as e os jovens que participam das Pastorais da Juventude aprenderam, com o Papa Paulo VI, a chamar o Reino de Deus para as e os cristãos/os, “a Terra Sem Males para os povos indígenas”, e o Outro Mundo Possível para os movimentos sociais, de “Civilização do Amor”. Essa utopia é um convite à justiça. A expressão nasceu em reação ao fracasso das formas organizativas da vida humana que não promoviam a justiça, como as experienciadas nos últimos séculos. Pelas palavras de Paulo VI compreendemos a Civilização do Amor como “o conjunto de condições morais, civis, econômicas, que permitem à vida humana melhor condição de existência, plenitude racional, um feliz destino eterno” (“Pastoral da Juventude: sim à Civilização do Amor”, pág. 97).

Essa Civilização do Amor possui alguns valores norteadores da construção da nova sociedade: a comunhão, a participação, a verdade, a justiça, a liberdade, a paz e o amor. Por “comunhão” compreende-se a aglutinação das forças em torno do projeto de justiça do Reino. É aproveitar a vocação grupal da juventude para unir as diversas formas de fazer essa utopia acontecer.

Para isso se concretizar é preciso a “participação”. Uma participação no esforço pela construção da garantia de direitos universais à qualidade de vida (educação, trabalho, lazer, artes, decisões populares dos destinos, liberdade...). Essas ações exigem de nós uma postura pautada pela verdade que reconhece os sinais de vida e morte na história da humanidade, prioritariamente no tempo presente.

Por outro lado, exige ações que promovam a justiça por um mundo em que todas e todos tenham aquilo que necessitam para viver bem. Um desses itens para se viver bem é a liberdade, isto é, o poder de decidir sobre sua própria vida, individualmente, e a vida da comunidade entre os grupos.

Todos esses valores não se concretizam em situações de extremo individualismo, gerador das guerras. Um mundo comum para a humanidade precisa de paz e a paz é fruto desses valores da Civilização do Amor aqui colocados. Aliás, no nome essa utopia já traz seu mais valioso valor: o amor.

Estamos falando de um amor cuidado, responsabilidade com a vida, comprometimento com a justiça que gera as condições de vida digna para toda a humanidade. É sentir por toda a criação de Deus, um amor como o que ele sente por nós e como aquele que faz gelar a espinha e aquecer os corações de quem se apaixonou. É apaixonar-se pela vida.

TRILHA 05

munindo-nos para um serviço inteligente da fé

Na mística de Jerusalém, visando a “Conscientização”, achamos importante reaprendermos a olhar duas outras questões: a questão da análise de conjuntura e o relacionamento de fé e política. Jerusalém é o lugar do “poder”, o lugar dos grandes conflitos e o lugar das grandes heroicidades e dos grandes crimes.

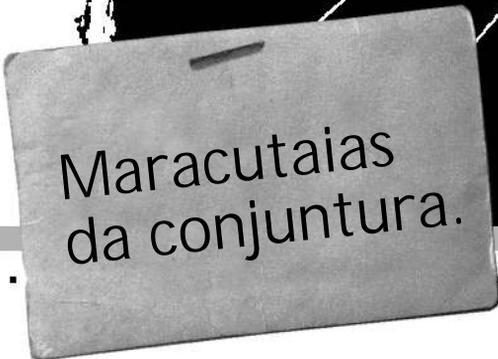
Por isso, no primeiro Ponto, desejamos uma reflexão sobre “as maracutaias da conjuntura”. A máquina do poder precisa ser desvendada para colocá-la a serviço de todos/as. Fazer análise de conjuntura é aprender a “ler os sinais dos tempos”, como fala muito bem o Concílio Vaticano II. É uma questão a ser aprendida. O Ponto dá somente algumas dicas. A mística de Jerusalém pede que façamos isso sempre, todos os dias, lendo duas biblias: a leitura dos jornais e noticiários, da realidade e a leitura da Palavra de Deus.

Um segundo Ponto dessa Trilha, que deseja colaborar no amadurecimento de nossa fé no concreto da vida, trata de aprendermos a relacionar e a casar, em nossa mística de Jerusalém, a fé e a política. Não são como muitos querem, duas realidades “diferentes” ou opostas. O construir comunidade, isto é, o ser político, faz parte da vocação batismal do cristão. Uma nova política não se faz com nossa omissão ou com uma crítica que não assume a realidade, com vontade de colaborar para melhor forma de funcionamento da sociedade. O desgaste da política partidária não pode ser desculpa para deixarmos de ser políticos/as. Esses pontos desta trilha são revisões de encontros que estão no caderno “Fazendo História” publicado pelo CCJ-São Paulo, elaborados pela Casa da Juventude-Goiânia.





1º Ponto



Maracutaias da conjuntura.

➔ **Objetivo DO ENCONTRO**
Trazer elementos que ajudem o grupo a tomar consciência de cultivar, em suas vidas e no grupo, e dar importância às formas como o sistema influi no modo de ser das pessoas.

Ambientação
Mapa do mundo, figuras de engrenagens, pessoas em atitudes de exploradas e exploradoras, fotos contrastantes sobre a realidade, lupas, bastante jornais, revistas, boletins...

1. Acolhida

Na mística de Jerusalém precisamos ser “atinados”, inteligentes. Nem tudo que acontece, acontece por acaso. Os fatos têm sua lógica e precisam ser lidos nos seus meandros. Será, pois, um encontro diferente, despertando para a compreensão da realidade.

Dinâmica

O Ponto acontece dentro de uma dinâmica de dois momentos de estudo: um, tratando da compreensão do que é “análise de conjuntura” e o outro, aprofundando a conjuntura política, social, econômica e cultural da Palestina no tempo de Jesus.

2. Primeiro momento de estudo

a) Somos convidados/as a preparar-nos para viver melhor nossa vocação de profetas. “Profeta” é alguém que tem coragem, que não se cala diante das injustiças e que sabe falar e denunciar as raízes dos males. Dentro de cada um/a de nós foi colocada, por Deus, a vocação de profetas. Em clima de oração cantemos o canto tantas vezes ouvido e cantado: “Antes que te formasse...” Após o canto, explicar a dinâmica de estudo.

b) Para fazer uma análise de conjuntura precisamos de algumas ferramentas próprias que nos ajudem a perceber a conjuntura que nos cerca. Vamos estudar, em grupos, o texto “Instrumentos de uma análise de conjuntura”.

c) Leitura do texto



INSTRUMENTOS DE UMA ANÁLISE DE CONJUNTURA

Para fazermos uma boa análise de conjuntura precisamos ter em conta quatro elementos e ter claro que são possíveis, fundamentalmente, dois tipos de análises de conjuntura:

I. Quatro elementos

Importa ter presentes, inicialmente, os acontecimentos, o cenário, os atores e as correlações de força na situação que desejamos compreender melhor.





→ Os Acontecimentos

São os “fatos” que adquirem um sentido especial para um país, uma classe social, um grupo social ou uma pessoa. Um beijo pode ser um fato comum, mas o beijo de Judas é um acontecimento. O Golpe de 64, para o Brasil, foi um acontecimento, assim como o Impeachment de Fernando Collor. Para a análise de conjuntura, o importante é analisar os acontecimentos e saber distingui-los dos fatos. Ao analisarmos a conjuntura não vamos pegar qualquer “acontecimento”, mas aqueles que mais significam para a nossa análise. Esta seleção dos acontecimentos não é neutra, ela revela sempre a percepção que uma sociedade, grupo social ou classe tem da realidade e de si mesmos. Precisamos dizer (descrever) qual o fato que desejamos analisar.

→ O Cenário

É um determinado espaço onde se desenvolvem as ações da trama social e política. O “cenário” pode se deslocar de acordo com o desenvolvimento da luta. No processo de impeachment do Collor, tínhamos vários cenários, isto é, o “acontecimento” repercutia de forma diferente: a) as ruas com o povo; b) no parlamento; c) nos gabinetes ministeriais; d) na imprensa, etc. Cada um destes cenários apresenta suas particularidades que influenciam o desenvolvimento da luta. Muitas vezes, o fato de mudar de cenário é uma condição importante de mudança no processo. Importante também é saber identificar os cenários onde se desenvolvem as lutas e as particularidades dos diferentes cenários.

→ Os Atores

Em terceiro lugar precisamos olhar os “atores” que representam e encarnam um papel dentro de um enredo, de uma trama de relações, no acontecimento que estamos analisando. Um indivíduo é um ator social quando ele representa algo para a sociedade, encarna uma idéia, uma reivindicação, um projeto, uma denúncia. Também podem ser atores: uma classe social, uma categoria social, um grupo ou instituições sociais - sindicatos, partidos políticos, os Meios de Comunicação Social, associações, Igrejas, etc.

→ A Correlação de Forças

As classes sociais, os grupos, os diferentes atores sociais estão em relação uns com os outros. Essas relações podem ser de confronto, de co-existência, de colaboração, de paralisia, mas sempre estarão revelando uma relação de forças, de domínio, igualdade ou de

subordinação. Para se tirar conseqüências concretas da análise de conjuntura é preciso perceber claramente a relação de forças existentes no objeto de análise - as classes sociais e o governo, por exemplo. Às vezes essa relação se revela através de indicadores quantitativos. É o caso de uma eleição: o número de votos indicará a relação de forças entre partidos, grupos e classes sociais; outras vezes, precisamos buscar formas de verificar a relação de forças "menos visível": qual a força de um político ou de um movimento social? Como medir o que não tem registros quantitativos?

Conjuntura, portanto, é o pedaço de alguma coisa em movimento, é o momento de um processo. Os acontecimentos, ações desenvolvidas pelos atores sociais, gerando uma situação, definindo uma conjuntura, não se dão no vazio. Eles têm relação com o passado, com a história, com as relações sociais, econômicas e políticas estabelecidas ao longo de um processo.

II. Dois modos de ler a conjuntura

Há dois modos de ler a conjuntura: 1. A partir da situação ou do ponto de vista do dominante; 2. A partir da ótica dos movimentos populares, das classes subordinadas, da oposição do poder dominante. A finalidade da análise de conjuntura é reordenar os elementos da realidade, a situação dominante para manter o funcionamento do sistema, do regime.

A análise feita a partir do poder dominante tem como finalidade a correlação da rota, mas não de direção fundamental e determinará, de certa forma, a seleção dos atores e acontecimentos a serem analisados, bem como dará a estes acontecimentos um sentido afinado com interesses das classes dominantes.

Outros fatores a serem levados em conta ao fazer uma análise de conjuntura:

- 1) Perceber o conjunto de forças e problemas que estão por trás dos acontecimentos;
- 2) Procurar ver os sinais de saída para o "novo", o não acontecido, o inédito;
- 3) Ver o fio condutor dos acontecimentos, isto é, pesquisar o encadeamento, a lógica, as articulações, os sentidos comuns dos acontecimentos.

Trabalho em grupo

Após este estudo, o grupo é convidado a realizar uma prática de análise de conjuntura. Para isso seguem-se os seguintes passos:



1º Passo

Na sala tem jornais, revistas, boletins, etc... Cada jovem irá folhear o material e selecionar os fatos significativos (esta seleção é feita através das manchetes de cada assunto) que gostaria de analisar. Você encontrará enfocado, o mesmo assunto, de diversas maneiras. Quando estiverem todos juntos, cada jovem coloca o que escolheu e, juntos, agrupam o material por assuntos; por exemplo: inflação, reforma constitucional, fome, violência, corrupção, etc...

2º Passo

O grupo escolhe o bloco de assunto mais importante e de maior interesse para ser analisado. A partir disso, vão identificando: a) Quais os acontecimentos? b) Como é o cenário onde eles acontecem? c) Quais os atores/pessoas envolvidas? d) Qual a correlação de forças existentes?

3º Passo

Diante de que fatos tomaremos posição? Que faremos para manifestar? Este é o momento da ação concreta do grupo que pode ser manifestado nas mais variadas formas possíveis.

4º Passo

Na plenária, os grupos relatam a caminhada que conseguiram fazer, inclusive das atitudes a serem tomadas.

Intervalo

Antes de entrar no segundo momento de estudo, faz-se um intervalo, cuidando que haja alguns comes e bebes, ao mesmo tempo cuidando para que não haja dispersão.

3. Segundo momento de estudo

Para entendermos mais a mística de Jesus Cristo e a mística de Jerusalém, precisamos compreender que a análise de conjuntura é uma exigência evangélica. Caso contrário, não compreendemos nem Jesus Cristo nem o compromisso do cristão no mundo. Queremos perguntar-nos, por isso, pelos elementos conjunturais que Jesus Cristo, na sua prática, teve que enfrentar. A compreensão dessa situação é que lhe dava autoridade e, ao mesmo tempo, era perseguido porque mexia na estrutura da sociedade religiosa e política de seu tempo. Façamos, por isso, uma breve reflexão sobre alguns aspectos da realidade no tempo de Jesus.

(Importante que haja cópias do texto de estudo)



ALGUNS ASPECTOS DA REALIDADE NO TEMPO DE JESUS

Para compreender a prática e o discurso de Jesus, bem como a coragem que teve em enfrentar tudo que significava “Jerusalém”, precisamos ter presentes dados muito concretos. O mesmo sucede ou deveria suceder em nossas posturas na realidade que nos rodeia.

Chamamos a atenção para 5 elementos da estrutura, que Jesus de Nazaré viveu e certamente tomou em consideração na sua atividade pastoral.

→ Os Impostos

A realidade do povo no tempo de Jesus era de muita pobreza. O povo era muito explorado. Uma das formas de exploração era a cobrança de impostos. Os trabalhadores pagavam impostos para os Romanos e para o Templo:

a) Impostos pagos aos Romanos: 1/4 das colheitas, a corvéia, para o exército Romano, o pedágio sobre transporte de mercadorias, taxas de alfândega entre regiões e países.

Esse dinheiro todo ia para Roma. Lá, eram os privilegiados que detinham o poder e viviam às custas do suor dos trabalhadores judeus e outras regiões dominadas por eles.

b) Impostos pagos ao Templo: 10% das colheitas (dízimo), 1% para os pobres, a cada sete anos, o produto referente a 1 ano de trabalho. Beneficiavam-se destes impostos a elite dos sacerdotes e a aristocracia leiga da Palestina. Esses impostos eram cobrados pelos publicanos, os que organizavam e os que executavam o trabalho de cobrança. A corrupção era muito comum nesse meio, especialmente entre os que organizavam a cobrança de impostos. Era por causa disso que os publicanos eram tão desprezados e marginalizados.

→ O Templo

O Templo estava localizado em Jerusalém, onde os judeus faziam peregrinações. Os judeus acreditavam que o Templo era a casa de Deus. Uma casa que foi profanada, tornando-se o “Banco do Estado” e o centro de Câmbio. Todos os impostos eram centralizados ali. Graças às peregrinações, os visitantes (cerca de 60 mil durante a Páscoa) alimentavam o artesanato, objetos de luxo, um conjunto de hospedarias e um grande comércio de animais para os sacrifícios.



O Templo empregava muitas pessoas entre sacerdotes, funcionários, cambistas, vendedores e operários. Eram aproximadamente 18 mil pessoas que viviam da organização do Templo. Isso sem contar com os empregos temporários, como os operários que trabalhavam na ampliação do Templo. Jerusalém vivia exclusivamente em sua função.

A Palestina contava com aproximadamente 500 mil habitantes e essa população dependia da organização do Templo. O tesouro dele era o mesmo que o tesouro do estado. A administração era feita por 3 grandes sacerdotes, chefes das finanças. Junto a eles, morava em Jerusalém grande parte dos ricos negociantes e proprietários de terras.

Enquanto isso, o povo da roça, que constituía na grande maioria da população, vivia numa dura situação de exploração. Quando Jesus fala do Templo a ser destruído - embora ele estivesse com objetivo profundamente religioso e, por isso mesmo, talvez se referia ao seu próprio corpo, podemos também afirmar que ameaçava a estrutura econômica na sua base. Isso foi um dos motivos de sua condenação.

→ A Sinagoga

Nos Evangelhos, como não podia deixar de ser, aparece, várias vezes, a palavra Sinagoga. Em Jerusalém havia o grande Templo onde era guardada a arca da aliança (as tábuas da lei); para lá, se faziam as grandes peregrinações. Nas outras localidades havia a sinagoga. Sinagoga era uma casa de encontro, aonde os judeus iam ao sábado, para ouvir a Palavra de Deus e rezar. Mal comparadas, seriam as capelas de hoje.

→ Os Partidos

Na Palestina do tempo de Jesus existiam, principalmente, 5 partidos: dois da classe dominante (os saduceus e os herodianos e três de oposição: Fariseus, Zelotes e Essênios).

a) Os Saduceus

Eram os defensores da ordem estabelecida, conservadores e colaboradores do Império Romano. Faziam parte do partido dos saduceus, a nobreza leiga e sacerdotal, os chefes dos sacerdotes e os anciãos do Sinédrio. Sua política era pela conciliação, desde que sua vidinha não mudasse. Eram duros e arrogantes com os pequenos. Tinham o poder nas mãos e controlavam a administração da justiça nos tribunais, entre eles é que se devem procurar os responsáveis pela morte de Jesus.

b) Os Herodianos

Eram partidários de Herodes e, talvez, altos funcionários de sua casa. Estavam no poder civil. Logicamente, eram opositores fortes dos Zelotes e andavam à cata de "agitadores" políticos, na Galiléia. Foram os responsáveis pelo assassinato de João Batista. Eram conservadores e favoráveis à presença dos Romanos.

c) Os Fariseus

Na origem do movimento, bem antes de Jesus nascer, eram de classe trabalhadora. Surgiram a partir do grupo dos "piedosos" que sustentavam a luta armada de Judas Macabeu. No tempo de Jesus, eram recrutados de todas as camadas da sociedade, mas, principalmente, entre os artesãos e pequenos comerciantes da classe média. Eram muito nacionalistas, inimigos dos conquistadores estrangeiros, mas no tempo de Jesus aceitavam a política de convivência e conciliação com os romanos. Em relação ao poder na Judéia, apesar de se dizerem independentes, faziam a política dos grandes sacerdotes e dos ricos anciãos. Eles souberam manter a sua autoridade sobre o povo. Apareciam como o partido das massas contra a aristocracia. Respeitados pelo povo, eles tinham peso político, sem exercer o poder diretamente.

d) Os Zelotes

Os Zelotes eram guerrilheiros, também chamados "sicários", por andarem armados com uma "sica" (punhal). Eram nacionalistas e queriam expulsar o "pagão" romano que ocupava o país. Eram perseguidos pelo poder romano. As autoridades os consideravam criminosos e terroristas. O programa dos Zelotes no interior da Palestina pretendia abolir as dívidas, acabar com os grandes proprietários e libertar os escravos. Eles se recrutavam, principalmente, dentro das camadas mais pobres da população da Galiléia. Um dos discípulos de Jesus era zelote (Mt 10, 4). Os Zelotes, com certeza, criavam um certo impacto no povo.

e) Os Essênios

Assemelhavam-se a uma comunidade de monges de disciplina rígida. Eles contestavam a legitimidade dos grandes sacerdotes, não freqüentavam o Templo, faziam as festas em outras datas, se diziam pobres, mas gostavam de dinheiro. Eles esperavam: uma libertação da exploração social e uma liberdade nacional.



→ O Sinédrio

Os Romanos concediam aos judeus alguma aparência de poder. Assim, nas aldeias, os problemas eram resolvidos por um conselho de anciãos; nas cidades, pelos grandes fazendeiros e comerciantes ricos, mais os escribas e os sacerdotes. Em Jerusalém, mandavam em conselho, chamado Sinédrio, composto por 71 pessoas. Faziam parte do Sinédrio: os sumos sacerdotes, que moravam em luxuosos palácios; os anciãos, chefes de grandes famílias de latifundiários ou de importantes comerciantes; e os escribas, membros intelectuais da pequena burguesia ou classe média. Apesar das aparências de certo poder, dependiam totalmente dos romanos.

(A maneira de realizar este estudo pode ser feita de várias formas: leitura pessoal ou em grupos pequenos e apresentação da parte de cada um, compreensão, confecção de um cartaz sintético, visualização de um cenário, etc. Depende da criatividade da coordenação do encontro.)

4. Avaliando

O grupo discute como foi a compreensão de como se faz uma análise de conjuntura e do sentido que tem dar-nos conta da conjuntura em que Jesus viveu. Que impactos e questionamentos esses estudos podem ter sobre a nossa vida/ação? O que precisamos repensar em nosso Projeto de Vida?

5. Rezando a vida

Após estes dois momentos, vamos concluindo nosso encontro. Uma leitura que nos pode inspirar, depois de tudo isso, são as palavras que Jesus proferiu no momento em que enviou os discípulos em missão. Encontramos isso em Mateus 10. Que elas nos sirvam de ânimo e desafio.

Lê-se, Mateus 10, 16-24.

Faz-se um momento de silêncio e, depois, deixa a palavra livre para os/as participantes. O que significam essas palavras de Jesus para nós?

Comentário

Quando Jesus se despedia dos apóstolos, uma palavra que repetia era “Não tenham medo. Vão anunciar aos meus irmãos que se dirijam para a Galiléia” (Mt 28,10) e, mais solenemente: “Toda a autoridade foi dada a mim no céu e sobre a terra. Portanto, vão e façam com que todos os povos se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Estarei com vocês todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28, 20).

Para que isso aconteça, rezemos... “Pai-nosso...”
Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

2º Ponto



Fé e Política.



Objetivo do encontro

Amadurecer o relacionamento que a fé cristã tem com a realidade social e política, fazendo ver que somos convidados/as a viver nossa fé inseridos/as nas diferentes realidades.

Ambientação

A sala de reunião esteja ornamentada com diferentes manifestações religiosas que expressem o relacionamento, ou não, da fé e da política, da fé e da realidade social do povo. Haja também a presença de figuras que se destacaram na vivência equilibrada de fé e política: Dom Luciano Mendes de Almeida, D. José Mauro, Ir. Dorothy assassinada no Pará, mártires da América Latina, cristãos que deram sua vida por alguma causa do povo (índio, negro, pobre, terra, pobreza...), Teresa de Calcutá e outros. Lembrar também pessoas que vivem em nosso meio e que são essas mesmas referências. Ter velas coloridas espalhadas entre as figuras.

Convidar as pessoas para contemplar o cenário, em seguida, pedir que façam memória de outros homens e mulheres que tombaram em defesa da vida. Alguém acende as velas enquanto o grupo canta o Pai Nosso dos Mártires.

1. Estudo

O Ponto toma a forma de um momento de estudo a partir de um texto. A coordenação deve garantir cópia do texto e pensar na forma dinâmica de fazê-lo.

1º momento

Leitura do texto incentivando que os grupos acentuem, no máximo, cinco afirmações importantes, tomando em conta as diversas partes do texto. Estas afirmações é que serão levadas ao plenário.



NA VIVÊNCIA DA FÉ NÃO PODE HAVER DUALISMOS

a) Estado da questão

É consenso na Igreja que não lhe compete definir planos e programas de desenvolvimento nacional, como também não é função sua envolver-se em política partidária, mesmo que já o tenha feito, de certa forma, quando da Liga Eleitoral Católica (LEC), na primeira metade do século XX. Nenhuma instituição histórica se identifica com o projeto do Reino de Deus, mesmo que valores do Reino aí se façam presentes. A própria Igreja não é o Reino, mas lugar de seu anúncio e testemunho.

A Igreja, portanto, não propõe nenhuma instituição e nem a si mesma como a solução da humanidade, mas Jesus Cristo com sua Palavra e Projeto do Reino. Cristo, anunciado pela Igreja, quer transformar os corações com a força de sua palavra, e, mediante a presença e atuação daqueles que crêem nele, fermentar as instituições e direcionar a história para reconciliação com Deus e para unidade, na igualdade fraterna e solidária, da humanidade.

b) O papel de Jesus Cristo

Ele está presente, com a força de seu Espírito, no interior da Igreja e atua, como sacerdote, profeta e rei, nela e por ela. Mas Deus não limita sua ação à Igreja. Ele está presente e age salvificamente no interior de todas as consciências humanas e na história como um todo. Essa ação de Cristo não se limita a “conquistar almas”, desinteressada das condições históricas da vida de seus filhos.

Milhões de brasileiros/as moram em condições subumanas em favelas, em cortiços e na rua. Crianças sem lar sobrevivem na rua e na prostituição. Fome, doença e mortes prematuras atormentam a mais da metade da população brasileira. Tudo isto num país de extraordinários recursos e riquezas, mas entregues à pilhagem de 5% de empresários, banqueiros,

políticos, latifundiários e grandes comerciantes... Se Jesus Cristo e, conseqüentemente a Igreja, quer "a Vida em abundância", para as pessoas em todas as dimensões de sua vida histórica, a caridade para com o povo sofrido será tanto mais divina quanto mais a ação dos cristãos, iluminados pelo exemplo de Cristo, remover eficazmente as matrizes geradoras do extermínio do povo.

Jesus sabia que o sofrimento do povo estava intimamente relacionado a decisões humanas que geram opressão, exploração e marginalização de terceiros. Por isso Ele quis atingir o cerne dos desvios, propondo a mudança de consciência e atitudes. Sua consciência e atitudes nos dão o perfil do/a homem/mulher e de sua missão histórica. Sua consciência e a novidade de suas atitudes se manifestam no amor aos/às pobres, aos/às marginalizados/as, aos/às doentes e leprosos/as, às crianças e mulheres, prostitutas e publicanos, discriminados/as e desprezados/as. Não lhes oferecia o benefício estritamente espiritual, como o perdão dos pecados, mas amava-os/as de verdade, com o amor do pão repartido entre os famintos, da saúde restituída a enfermos e deficientes, da defesa dos direitos dos/as pobres, violados na sobrecarga tributária imposta pelo poder religioso e político e no desprezo que sofriam dos poderes constituídos. Jesus os privilegiou escolhendo os/as pobres como destinatários primeiros da Boa Nova do Reino.

c) Presença de todas as dimensões

Com essas atitudes Jesus propunha refazer a teia de relacionamentos e de relações interpessoais e sociais em todas as dimensões e situações em que a vida do povo acontecia. A ação de Jesus não deixa dúvidas com relação a seu amor à pessoa em todas as dimensões de sua existência. Jesus veio salvar/libertar o homem/mulher todo, não só sua dimensão espiritual. O anúncio da Boa Nova precisa levar em conta todas as dimensões do ser humano.

1. A pessoa humana é um SER ECONÔMICO

O ser humano não vive sem bens econômicos: alimentação, casa, vestuário... Teoricamente cada um poderia produzir os meios necessários para o seu próprio sustento e bem-estar material. Como isto seria extremamente complicado, a humanidade organiza-se para produzir coletivamente o necessário para seu sustento e conforto. Muitos trabalham juntos para produzir os mesmos artigos. O trabalho coletivo gera relacionamentos e relações sociais de produção de trabalhador a trabalhador e entre trabalhador e patrão.



Os relacionamentos podem ser harmoniosos, cordiais, amigáveis e respeitosos, ou hostis, egoístas, invejosos e competitivos... As relações instáveis podem visualizar-se através de salários injustos, e da redução do trabalhador a objeto de produção e lucro para o patrão, ou podem ser rigorosamente justas, quando se reconhece ao trabalhador o direito de participar nas decisões e na posse de sua produção.

Pelo visto, o homem/mulher é um ser econômico, agente e paciente de relações e relacionamentos sociais de produção.

2. A Pessoa Humana é um SER POLÍTICO

As relações sociais de produção não abrangem toda a vida e relacionamentos do cidadão na sociedade. Todas as relações de convívio social dos cidadãos - relações de convívio referentes à família, à escola e educação, à segurança e previdência, à saúde e à prática religiosa... - obedecem a determinações legais, ou seja, a decisões tomadas no campo da política a que compete organizar, conservar e modificar todo o tecido social, para que o convívio dos cidadãos/ãs seja pacífico, ordeiro, com direitos e deveres iguais para todos/as. Por isso a vida e ação dos cidadãos/ãs na sociedade definem a própria política.

A postura do/a cidadão/ã que abomina a política, por considerá-la "suja", também é política, e pior, política revestida de extrema ignorância e irresponsabilidade (Cf. "O analfabeto político" de Bertold Brecht).

A organização da vida em sociedade não pode ser realizada diretamente por decisões de cada cidadão/ã, aliás, se cairia na anarquia social. Por isso há cidadãos/ãs que se organizam em agremiações partidárias com propostas de planos e programas de ordenamento das relações sociais de convívio do povo na sociedade.

- Partidos, cuja proposta e ideologia visam conservar a organização das relações sociais que existem na sociedade, recebem o apoio e a adesão dos cidadãos/ãs privilegiados/as pela ordem social vigente. São os chamados partidos de direita e conservadores porque defendem a conservação do organismo social que temos.
- Partidos defensores do sistema capitalista vigente, com sensibilidade para alguma melhora das condições de vida do operariado, são ditos partidos de centro.

- Partidos que propõem mudanças profundas nas relações entre capital e trabalho, socializando o capital, alterando as funções do Estado e as leis que regulam o mercado, são considerados de esquerda.

Os partidos procuram conquistar a confiança popular para que o voto lhes confira o poder de ordenar o organismo social de acordo com a ideologia, a concepção e o programa partidário. As mudanças ou a conservação da ordem social, estabelecida por lei, sempre depende de decisões políticas. E essas decisões são tomadas por políticos eleitos pelos/as cidadãos/ãs. Compete ao povo dizer ao político que mudanças ele/ela exige e cabe também ao povo eleger os partidos e os políticos comprometidos com as mudanças que ele/ela, povo, quer.

3. A Pessoa Humana é um SER SIMBÓLICO/CULTURAL

As relações sociais de produção e de convívio não abrangem todo o mundo relacional dos cidadãos. A existência humana também se caracteriza pela expressão simbólica e cultural, principalmente na arte, música, festa, dança, poesia, teatro, pintura, em gestos e ritos, na diversão e lazer. Assim nasce um novo campo de relações, ditas simbólicas, extremamente importantes para a saúde psíquica e espiritual da humanidade. Através de símbolos, as pessoas conseguem expressar seus sentimentos mais profundos e mais verdadeiros...

d) Cristo salva a PESSOA TODA

Quando a fé nos diz que Cristo salvou/libertou a humanidade, está se afirmando que ele só salvou a dimensão simbólica e cultural do ser humano, excluindo sua dimensão econômica e política? A mudança radical de vida que Cristo realiza, mediante sua ação interior, gera o homem novo e a mulher nova, em Cristo, com relações novas de produção, de convívio social e de expressão simbólica. É inconcebível e falso imaginar que Cristo se contentasse com celebrar simbolicamente o projeto do Reino de Deus, presente nele, inaugurando relacionamento e relações novas, fraternas e justas entre seus filhos, mas relações que só valessem para os momentos cultuais e celebrativos e não para o mundo econômico e comercial e nem para o convívio social de homens e mulheres na sociedade.

O fracasso da eficácia da fé e da Palavra de Deus na América Latina dita cristã, marcada tão vergonhosamente pela injustiça e exploração, não poderia

ser atribuído à consciência cristã que reduz a prática da fé e a missão da Igreja ao aspecto celebrativo do projeto do Reino de Deus, sem a menor incidência sobre as relações humanas de produção e de convivência nas diversas instituições que compõem o tecido social?

e) Fé e novas relações

Pela fé em Jesus Cristo, Deus nos constitui seus/suas filhos/as: "Àqueles que o receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus" (Jo 1,12). Se filhos/as de Deus, obviamente irmãos/ãs entre nós. A condição de irmãos/ãs pela fé em Jesus Cristo, fundamenta a novidade de relacionamento interpessoal que chamamos de fraterno, amigo, justo... Vida fraterna e amiga só podem existir entre pessoas reunidas em comunidade.

A Igreja sempre entendeu que a conversão operada pela fé se traduzisse nesta mudança de relacionamentos interpessoais e ela sempre quis que o relacionamento fraterno e respeitoso, celebrado comunitariamente no culto dominical, fosse tônica do convívio em todas as instituições sociais em que o ser humano vive e trabalha: família, escola, empresa, governo, partidos... Mas no mundo empresarial da produção e comércio podemos distinguir relacionamento interpessoal de operário/a a operário/a e de trabalhadores/as e patrão/patroa e vice-versa e relações estáveis ou estruturais. Numa empresa o patrão/oa pode tratar os seus/suas funcionários/as com respeito e bondade fraternal, mas explorá-los/as no salário:

2º momento

Plenária sobre as afirmações que os grupos escolheram. Este momento pode ser feito de forma dinâmica, inserindo cantos, brincadeiras, etc... Como conclusão, lê-se em conjunto o texto "Qual o alcance da mudança operada pela fé?"



QUAL O ALCANCE DA MUDANÇA OPERADA PELA FÉ?

A fé nos diz, e este é o grande desafio para os/as cristãos/ãs, que empresas (indústrias, bancos, casas comerciais...) e instituições (família, Igreja, partidos, sindicatos, governo...) são convocadas por Cristo a se tomarem verdadeiras comunidades vivas, em que tanto o relacionamento como relações estruturais sejam fraternas e justas, participativas e democráticas. O grande desafio para a credibilidade da fé cristã é que Igreja e leigos/as cristãos/ãs consigam impregnar as relações sociais de produção e as relações de convívio, definidas pela ação política, de verdadeira justiça fraterna, de amor solidário, de igualdade participativa e democrática.

A transformação da realidade empresarial e do convívio humano nas mais diversas instituições do tecido social depende de decisões políticas. A política define as relações estáveis e estruturais dentro do organismo social. Já o relacionamento interpessoal dentro das instituições sofre forte influência das relações estáveis de produção e dos padrões de comportamento ordenados em lei, mas não o determina a ponto de as pessoas exploradas ou oprimidas não poderem ser fraternas e justas. Resumindo, a proposta da fé encontra na política ou um forte aliado para encarnar historicamente as exigências do Reino de Deus, quando organiza as relações institucionais dos cidadãos, adotando como critério o direito de todos, especialmente dos pobres, aos benefícios da comunidade que reparte com igualdade e justiça fraternas... ou o inimigo que institucionaliza relações de desigualdade, de opressão e exploração...

A transformação das relações de produção e de convívio social é missão e enorme desafio que a fé coloca aos cristãos. Ninguém que leva a sério sua fé pode eximir-se da responsabilidade de colaborar, dentro de suas reais possibilidades, para a gestação de um modelo de sociedade que seja econômica, política e culturalmente nova e justa. Não é, no mínimo, muito estranho que Igreja invista tanto na formação litúrgica e de liturgistas, em função do momento celebrativo da vida comunitária, comunidade que inexistente nas relações de produção e de convívio social nas instituições, e tampouco forme e oriente o povo cristão a atuar e realizar dentro da realidade socioeconômica e política o que expressa simbolicamente na celebração dominical?

2. Rezando nossa fé

a) Encerrando nossas reflexões, que desejavam amadurecer nossa mística de Jerusalém, vamos fazê-lo num clima de oração, inspirados/as em dois textos do Evangelho.

b) Em Heb 11,1 lemos que “a fé é um modo de já possuir aquilo que se espera, é um meio de conhecer realidades que não se vêem”. A fé é o dinamismo que impulsiona a pessoa humana a fazer história. A fé é dom e conquista; como dom, precisamos agradecê-la; como conquista, precisamos cultivá-la.

Com fundo musical, num clima de silêncio, o grupo é convidado a escrever um salmo de agradecimento pela fé recebida. Lembrando que o salmo é uma expressão de Louvor a Deus, pode-se usar expressões como: “te louvo ó, Deus, por...”, etc...

c) Após certo tempo, a coordenação convida o grupo a estar atento a uma outra leitura sobre a fé. O texto se encontra na Carta de Tiago 2, 14-17. Diz o apóstolo: “Meus/minhas irmãos/ãs, se alguém diz que tem fé, mas não tem obras, que adianta isso? Por acaso a fé poderá salvá-lo? Por exemplo: um irmão ou irmã não tem o que vestir e lhes falta o pão de cada dia. Então alguém de vocês diz para eles: “vão em paz, se aqueçam e comam bastante”, no entanto não lhes dá o necessário para o corpo. Que adianta isso? Assim também é a fé: sem as obras, ela está completamente morta”. Refletindo fé e vida, o que nos recorda esse texto?

d) Quem soube viver no equilíbrio, a realidade da fé, foi Nossa Senhora. Peça-mos que ela nos abençoe em nossa caminhada, vestidos da mística de Jerusalém, procurando viver uma fé comprometida com a vida e o povo. Introduz-se, por isso, a imagem de Nossa Senhora Aparecida (ou outro título dela), acompanhada de velas, para a qual oferecemos o Salmo de Gratidão pela fé. Os que desejarem, podem rezar o salmo para todos.

e) Conclui-se essa “apresentação” com o Glória e, no final, pedindo força para a Virgem, reza-se a Ave Maria.

-
- Próximo encontro
 - Para o próximo ponto verificar, dentro do planejamento do grupo, a seqüência e organizar com o grupo quem prepara o encontro.
-





ANEXOS GERAIS



Anexo 1

Texto: A respeito da cultura

Ao revisar os livros podemos dar-nos conta que a palavra "cultura" tem muitos significados e todos eles têm razão a partir de seu ponto de vista particular. No entanto, o conceito começou a ser usado no final do século XVIII, na Alemanha. O objetivo era reconstituir uma história geral da humanidade e o principal interesse era descrever o avanço da história dos costumes, das instituições, das idéias, das artes e da ciência.

A história da humanidade era considerada como a história do progresso da humanidade. Neste sentido, o conceito "cultura" foi usado para descrever a evolução do progresso da humanidade.

Apesar desta diversidade pode-se dizer que a cultura se refere às formas de ver, sentir, pensar e agir de um determinado povo, o que dá origem a certos costumes, modos e tradições que são transmitidos de uma geração para a outra, através do tempo.

Um conceito mais acabado diz que a cultura, nesse conjunto complexo, abarca os conhecimentos, as crenças, a arte, o direito, a moral, os costumes e os demais hábitos e atitudes que o homem adquire como membro de uma sociedade.

A cultura tem certas características que podemos resumir nas seguintes:

- 1) a cultura afeta toda a atividade humana
- 2) a formalização da cultura se traduz em códigos, fórmulas, rituais, cerimônias, protocolos, conhecimentos científicos, etc.
- 3) as maneiras de sentir, pensar e agir são partilhadas por uma pluralidade de pessoas
- 4) a cultura tem um modo de aquisição e de transmissão. Tem mecanismos de aprendizagem
- 5) a cultura tem um aspecto objetivo, material, e um aspecto simbólico.

A antropologia tem sido considerada, por excelência, a ciência da cultura e, antes dela, a cultura tem sido definida de muitas formas. Contudo, apesar de tudo isso, parece que há uma concordância em dizer que a cultura se pode dividir em duas categorias: a cultura material e a cultura das idéias.

Formam parte da cultura material de um povo todos os objetos que este povo produz. Referimo-nos aos artefatos que geralmente são exibidos nos museus. Através da cultura material um povo pode dar a conhecer suas tradições, suas maneiras de fazer as coisas.

Na cultura das idéias se encontram as idéias de um povo, a linguagem, os signos e símbolos que lhe dão significação às ações individuais e coletivas. Em síntese, podemos dizer que na cultura das idéias se plasma a ideologia de um determinado povo. Estamos fazendo referência aos princípios últimos de sentido que dão inteligibilidade às condutas dos povos.

Através da cultura das idéias constroem-se os modelos culturais que podem ser entendidos como o conjunto de signos, símbolos, significações, valores, interesses, necessidades e afetos que dão sentido à vida.

Além disso, a cultura cumpre certas funções. Elas são as seguintes:

- Função psíquica: a cultura molda as personalidades individuais
- Função social: a cultura é partilhada e permite a comunicação entre as pessoas e os grupos sociais.

O modelo cultural é o que faz que algo seja bonito, lógico, pertinente e tenha sentido. São os recursos psicoculturais que permitem dar inteligibilidade à conduta humana. Graças ao modelo cultural entendemos os demais e conseguimos que os outros nos entendam. Isso permite a linguagem humana. Em consequência, há uma dimensão da cultura humana que é essencialmente simbólica.

A cultura é uma característica essencialmente humana. É o que nos distingue dos animais que se guiam por instintos e se diferencia da natureza que nos foi dada por Deus e que devemos conservar e respeitar. Diferente dos instintos (determinados geneticamente) e da natureza criada por Deus, a cultura é um produto essencialmente humano. Os homens e as mulheres deste mundo criam a cultura e a vão transmitindo às novas gerações através de múltiplos sinais, símbolos, ritos e mitos.

A cultura, enquanto produto humano, deveria desenvolver certos valores de tal forma que faça este mundo melhor. Referimo-nos ao valor da solidariedade. A cultura deveria fomentar a solidariedade entre os seres humanos, desenvolvendo relações fraternas e amistosas. Ao mesmo tempo, a cultura deveria desenvolver o valor da igualdade. Ante os olhos de Deus todos somos iguais. Referimo-nos à igualdade de fundo, além de nossas diferenças. Trata-se de respeitar as diferenças e de sermos iguais na diferença. Isso significa que os direitos de todos/as devem ser respeitados, independente de sua condição socioeconômica.

Anexo 2

Texto: Mudanças Culturais

As transformações recentes que mencionamos anteriormente (mudanças no modelo de acumulação capitalista, queda dos socialismos reais e a revolução das comunicações) estão na base de uma das mudanças mais significativas dos últimos tempos. Referimo-nos às mudanças culturais.

Embora essas transformações tenham sua origem na tecnologia, no trabalho e nas comunicações, elas estão fomentando grandes mudanças culturais.

De acordo com o postulado de vários autores estamos na época da cultura administrada, pré-fabricada. Seu instrumento é a indústria cultural cuja finalidade é transformar a cultura num produto de consumo, assim como uma camisa ou um automóvel.

Estas mudanças na cultura começaram a originar-se no que se denomina "modernidade", que se gestou nas sociedades comerciais da baixa idade média na Europa.

As principais características da chamada modernidade são as seguintes:

1. Individuação
2. Comunitarização
3. Autonomização
4. Hierarquização
5. Cidadania
6. Configuração do cotidiano
7. Experiências neocomunitárias
8. Uso da Razão

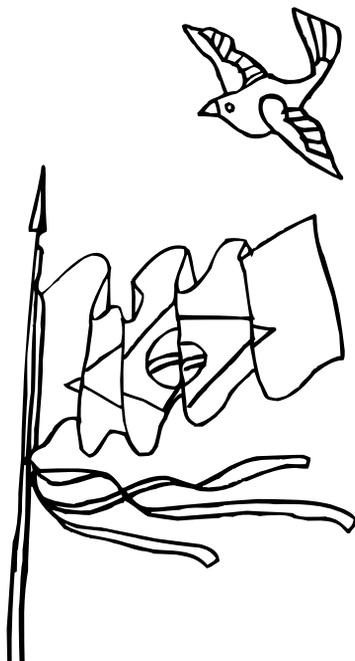
A modernidade significa que os processos de comunicação se massifiquem através do mercado, que o consumo simbólico esteja articulado com processos formativos organizados para toda a população e que o uso do conhecimento e da informação vincule de modo cada vez mais centralizado as distintas esferas separadas da sociedade: a produção econômica com a política, e esta, como veículo de hegemonias, com o mercado.

Na esfera política, a modernidade consagrou o homem como cidadão, isto é, como um indivíduo dotado de deveres que deve cumprir e direitos que pode exercer. Possui liberdade de expressão e está livre das tutelas externas à sua natureza.

No desenvolvimento do tempo a modernidade tem sido criticada considerando que, para que o homem viva, Deus deve morrer e para que a vida floresça na terra, não deve haver além. A cultura moderna, secularizada, matou a Deus.

Assim, o homem chegou ao niilismo que significa: falta de metas, de respostas aos porquês que se haviam respondido a partir de Deus. Surge, então, a pós-modernidade associada ao desenvolvimento de novas formas artísticas e estéticas: coloca em dúvida o conjunto de certezas e êxitos da modernidade, e, neste sentido, vem configurar um sentimento de desencanto, de descrença de todos e para todos, uma sensação de crise profunda e radical.

Neste contexto de desencanto geral a cultura transformou-se na cultura da competição e da performance. Tudo se converteu num produto de consumo, onde todos são competidores, procurando chegar primeiro, para ter êxito.



Anexo 3

Texto: Brasil, campeão em concentração de renda e exclusão social

“As raízes da fome estão, especialmente, na distribuição iníqua da renda e das riquezas, que se concentram nas mãos de poucos, deixando na pobreza enormes contingentes populacionais nas periferias urbanas e nas áreas rurais. Essa concentração de renda e riqueza vem de longa data e segue uma lógica na qual o crescimento econômico do Brasil sempre aumenta a riqueza dos ricos, sem estender seus benefícios a quem não tem poder de mercado” (CNBB Exigências Evangélicas e Éticas de Superação da Miséria e da Fome. Doc. 69, n. 13).

Nosso país está sofrendo o maior flagelo da fome, que mata mais do que uma guerra. A distribuição de renda é uma das mais perversas do planeta. Nosso grande mal é a concentração de tudo: riquezas, terras, população, poder, etc. enquanto uns esbanjam no consumismo, estima-se que 11 milhões de brasileiros/as passam fome todos os dias. O número de indigentes que vivem com menos de R\$ 80,00 por mês, chega a 50 milhões, 29% da população. Temos hoje uma elite brasileira de 1% da população. São em torno de 400 mil famílias que detêm 53% da riqueza nacional, enquanto isso, 40 milhões de famílias ficam apenas com 17%. É este 1% de ricos que sempre aumentou sua renda nos últimos 50 anos, à custa da maioria do povo.

A submissão do país ao processo de globalização neoliberal aprofundou as desigualdades e tende a aumentar a concentração de renda e a exclusão social. O domínio do mercado financeiro, a escravidão aos mecanismos de endividamento, levam países inteiros à miséria, gerando cada vez mais contingentes de “massas sobrantes submetidas ao desemprego, à fome e à ausência ou ao descaso das políticas públicas...” (CNBB: Eleições 2002-Propostas para reflexão. Doc. 67).

Nosso país tem condições de oferecer vida digna para todos. Mas, para isso, é preciso inverter a lógica da concentração pela desconcentração e descentralização da renda, do poder, da população, de tudo. É preciso definir um projeto nacional próprio, alicerçado sobre a base da ética solidária e da justiça social.

Os avanços do processo de organização, resistência e luta do povo excluído nos dão a certeza e já a experiência de que uma nova forma de organização social, com novas relações humanas e com a natureza, é possível. Então, trata-se de fortalecer o poder da maioria excluída, para que uma minoria não continue impondo seus interesses.

Somos co-responsáveis para construir coletivamente um novo modelo de desenvolvimento integral, solidário, ético e sustentável: socialmente justo, economicamente viável, ambientalmente sadio, politicamente democrático, culturalmente plural e religiosamente ecumênico.

Telmo Adams

Anexo 4

Texto: Jerusalém, um lugar e uma dimensão

Jerusalém e seu Templo não foram rejeitados por Jesus. Para lá Jesus ia sozinho ou com seus pais. O evangelista Lucas concede um lugar privilegiado para Jerusalém: seu Evangelho começa no Templo e termina no Templo de Jerusalém. Agrupou os episódios da vida de Jesus numa “subida a Jerusalém” (Lc 9, 51). No tempo do nascimento de Jesus havia os que esperavam a “redenção de Jerusalém” (Lc 2,38). Na transfiguração fala-se de um êxodo para Jerusalém (Lc 13,33) porque “não convinha que um profeta morresse fora de Jerusalém”. Jesus sobe a Jerusalém para que se cumprisse tudo que estava escrito pelos profetas (Lc 18,31). O evangelista Mateus acentua a ruína próxima da cidade que não compreendeu a mensagem de paz nem ter reconhecido o tempo da salvação (Lc 19, 41-44). Jesus chora sobre Jerusalém porque será aniquilada (Lc 19,44). Segundo São João, Jesus sobe a Jerusalém no tempo das festas e faz aí sua entrada triunfal (Jo 12,12). Jerusalém é a primeira cristalização da missão cristã que fascinará o apóstolo Paulo. Ela não é mais, contudo, o eixo da salvação. O papel da Igreja-Mãe é dar vida e adquirir as dimensões do Reino. Jerusalém se torna a “Cidade do Deus Vivo” que nunca será destruída.

Aspectos a serem considerados:

a) Jerusalém é, ao mesmo tempo, a cidade santa, lugar milenar de peregrinação, encarnação da religiosidade do povo judeu, e a “cidade maldita”, centro do poder, da opressão e da exploração. É a expressão mais violenta da contradição e do conflito. Assim como Jesus chora sobre a cidade, expulsa os vendilhões do Templo. Assim como é nos arredores de Jerusalém que Jesus é crucificado, foi nela que ele instituiu a Eucaristia, coração da Igreja ou, como diz o Vaticano II, “fonte e ápice da vida cristã e de toda evangelização” (“Lumen Gentium”, nº. 11). Assim como nela Cristo foi crucificado, nela Ele ressuscitou e iniciou a Igreja. Jerusalém é, de fato, um lugar teológico único onde a lamentação de uns se encontra com a radicalidade do projeto de vida de outros. Jerusalém é o caminho da cruz e a entrada triunfal de Jesus, aclamado pelo povo. Assim como é um local de peregrinação dos devotos vindos de muitos recantos, é no Templo que se encontram venerandos sumos sacerdotes misturando-se com as explorações mais sarcásticas da ignorância do povo.

Jerusalém é a cidade da acolhida e do conflito, da paz e do medo. Assim como se encontram nela as declarações mais amorosas de um Deus que se fez homem, deparamo-nos aí, também, com a traição, a negação e a exploração religiosa. Assim como é um lugar de reza e de promessas, ela se depara com o martírio e o enfrentamento ao império. Fruto da fé judaica, é o berço do cristianismo. Jerusalém é um mistério que perpassa séculos. Assim como é chamada de “Esposa” (Apocalipse) não deixa de ser a grande meretriz. Para quem amadurece na fé, Jerusalém é tudo isso ao mesmo tempo, sem perder sua aura de sentido onde a vida vence a morte, mesmo que seja no enfrentamento.

b) A mística de Jerusalém não pode resumir-se em poucas palavras. Desejamos balbuciar alguns aspectos relacionados com o processo de educação na fé. O primeiro relaciona-se com o conflito na vivência da fé. A fé, amadurecida ou não, incomoda. Incomoda as pessoas em seu interior e as pessoas que as rodeiam e percebem seus compromissos. Não se trata de fanatismos, mas de coerências que mordem a realidade humana na perspectiva divina. A mística de Jerusalém é a mística do conflito. Jesus foi morto porque enfrentou o centro do poder não direcionado para o povo. A ida de Jesus para Jerusalém, narrada por Lucas, é o caminho de quem se sente chamado para a vivência radical da fé. Isso supõe maturidade e preparo, tendo que enfrentar a possibilidade de ser chamado, ao mesmo tempo, de subversivo e de blasfemo. O fato de Jesus afirmar que dá a vida porque quer, dá a dimensão do preparo que tinha em seu anúncio de justiça e liberdade.

c) Relacionado com o conflito vem a capacidade de enfrentar os mais sérios desafios. Uma fé madura (se é que ela existe) sabe o que pode significar ser coerente na luta por uma causa. Muito mais quando se tem clareza que essa causa é o Reino. A concretização de um projeto não mede sacrifícios, nem da própria vida. A mística de Jerusalém vai vestida, por isso, de coragem, ousadia e perseverança. Está em jogo aquilo que, de fato, é absoluto na vida.

d) Jerusalém se torna, em Cristo, além de um lugar teológico, um espaço pedagógico. É nela que aprendemos o que é amor, o que é perdão, o que é amizade, o que é coerência. É nela que aprendemos o que é “ser gente” e o que é ser canalha. É nela que aprendemos o que é doar a vida e o que não deve ser a autoridade. Nela aprendemos o que é “paz”, o que é respeito às diferenças e tantas coisas que falamos sonhando um mundo novo.

e) A mística de Jerusalém nos faz deparar com a espiritualidade do servo de Javé que se aniquila para dar a vida. A mística de Jerusalém faz ressuscitar em nós a necessidade da inserção nos organismos intermediários da sociedade civil. A fé não é um mundo à parte. A fé precisa misturar-se na realidade e assumi-la em toda a sua crueza. É preciso ter consciência política sem medo de crescer, neste conhecimento, nas realidades divinas. É preciso ser “contemplativo na ação”, capaz de nos últimos estertores da vida perdoar os que nos odeiam.

A vida de fé sem a mística de Jerusalém é incompleta. Nunca deixa de ser verdade que o máximo do projeto de vida de qualquer pessoa é ser capaz de dar a vida pelo/a outro/a. Até nas coisas de Igreja, Jerusalém nos desafia a termos clareza com relação aos cenários de Igreja em que vivemos. Ao mesmo tempo em que Jerusalém nos revela nossos limites, abre possibilidades indescritíveis de generosidade. Se viver a mística de Jerusalém é ter a grandeza de Maria aos pés da cruz, é também ter a esperança de uma Madalena que cultivou levando perfumes para o sepulcro onde Jesus deveria estar. Se Jerusalém não é a fonte inspiradora do “militante”, provavelmente estamos frente a uma pessoa que tem, ainda, muito a amadurecer. Neste sentido, Jerusalém é inesgotável.





NA TRILHA

do Grupo de Jovens

Coleção

Na trilha do grupo de jovens

Essa é uma coleção de “pontos” para serem refletidos nos grupos de jovens. Não há uma seqüência numérica, mas sim o propósito de oferecer uma ferramenta para contribuir com os planejamentos dos grupos. A escolha se dá no aspecto que se percebe uma maior necessidade de apoio no caminho feito com os/as jovens. Os “pontos de reflexão” estão organizados dentro de trilhas que podem ser usadas da mesma forma.

Esse é um conjunto de encontros para apoiar o processo de educação da fé dos grupos a partir do caminho que estão fazendo na sua realidade concreta. Um grupo que faz processo é um grupo que planeja seu caminho dentro de uma perspectiva integral. Nesta coleção, o conjunto de jovens é convidado a viver a mística cristã a partir do local por onde viveu ou passou Jesus. Nesse exercício, todos/as devem buscar símbolos que unam o grupo no mesmo sentido.

Como iniciar o grupo de jovens?

Este é o roteiro atualizado e ampliado com o lugar místico, Belém. Traz pontos norteadores para iniciar um grupo de jovens, seguindo um caminho que parte da pessoa do/a jovem até o planejamento da vida em grupo. É um dos materiais mais utilizados nos dias atuais. Seu objetivo é construir grupos em todos os espaços onde vivem os/as jovens como sinal de Belém, uma periferia do mundo que acolheu o Salvador. Assim, os grupos também podem ser uma Boa Notícia para a juventude.

Como dinamizar um grupo de jovens?

Esse caderno traz vários pontos sobre o processo de capacitação técnica, trabalhando desde a pessoa do/a jovem, projeto de vida e comunidade eclesial, até o planejamento mais amplo. Esses temas são propostos a partir da mística de Emaús, caminhando com o ressuscitado e celebrando em comunidade em direção da vida.

Como desenvolver a integração do grupo de jovens?

Os temas tratados neste caderno estão centrados no processo de integração do

grupo, nas relações com a pessoa, com a comunidade, com a cultura, com o cuidado e com o planeta. O Lugar Místico é Betânia, que nos convida a visitar a casa dos amigos e amigas, assim como Jesus, para jantar, gastar tempo, contar histórias e viver a experiência do amor.

Como cuidar da pessoa no grupo de jovens?

O processo de personalização é o eixo por onde os pontos de reflexão vão ajudar o/a jovem a responder perguntas sobre quem participa do grupo. O lugar místico é Nazaré. O convite busca vivenciar o cotidiano da vida de Jesus para, com ele, perceber valores, posturas e escolhas que foram feitas ao longo de sua trajetória em uma vida oculta. Assim, nossa vida também pode ser marcada por escolhas e valores da construção do Reino.

Como vivenciar a fé e a mística no grupo de jovens?

Assumir uma mística que dê sentido à vida é uma das exigências do ser humano hoje. Os pontos de reflexão provocam o grupo de jovens a refletirem sobre os referenciais da fé e da mística cristã no seguimento a Jesus e no compromisso a partir da Samaria. Esse lugar é o encontro com as diversas culturas buscando contemplar Deus que cria o diverso e o diferente, reconhecendo este mesmo Deus nas pessoas e nas culturas, cultivando uma postura de respeito e encantamento.

Como desenvolver a participação social no grupo de jovens?

Uma das dimensões mais desafiadoras para o trabalho com jovens, hoje, é a política. Ela nos convida a participar, a sair dos nossos mundos particulares e ir na direção do outro/a e dos interesses sociais, ou seja, políticos. O lugar místico é Jerusalém. No caminho com Jesus, devemos assumir a dureza das escolhas de tal modo que haja um câmbio nas estruturas. Isso exige firmeza, compromisso, coragem, entrega e oração para que a vida vença a morte.

Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude

CAJU - Casa da Juventude Pe. Burnier
11ª Avenida, 953 - Cx. Postal 944 - Setor Universitário
CEP: 74605-060 - Goiânia/GO
Fone: (62) 4009-0339 Fax: (62) 3261-7063
caju@casadajuventude.org.br
www.casadajuventude.org.br

CCJ - Centro de Capacitação da Juventude
Rua Bispo Eugênio Demazenod, 463-A - Vila Alpina
CEP: 03206-040 - São Paulo/SP
Fone/fax: (11) 6917-1425
ccj-sp@uol.com.br
www.ccj.org.br

Centro de Pastoral de Juventude Anchietaum
Rua Apinagés, 2033 - Sumarezinho
CEP: 01258-001 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3862-0342
cpj@anchietanum.com.br
www.anchietanum.com.br

Centro Marista de Pastoral
Rua Aymoré, 2480, 2º andar - Bairro de Lourdes
CEP: 30140-072 - Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 3330-9023
cpastoralbh@ubee-marista.com.br
www.marista.org.br

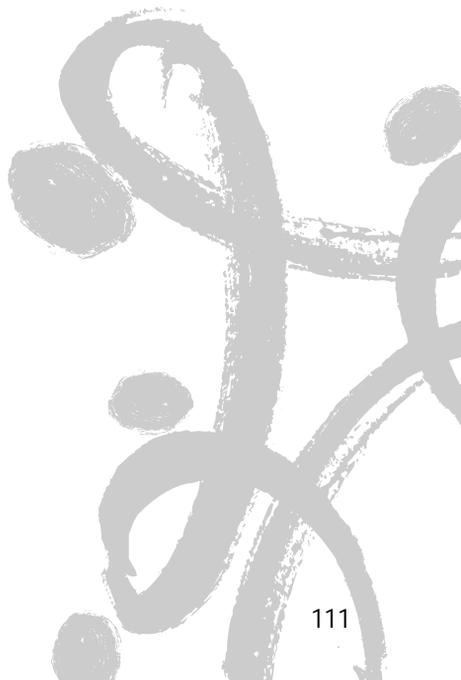
Centro Pastoral Santa Fé
Via Anhanguera, s/nº - Km 25,5 - Cx. Postal: 46827 - Perus
CEP: 05276-000 - São Paulo/SP
Fone: (11) 3916-6200/3911-0191
pastoral@zaz.com.br
www.pastoralsantafe.com.br

Instituto de Formação Juvenil do Maranhão
Rua Venceslau Brás, 109 - Camboa
CEP: 65020-490 - São Luís/MA
Fone: (98) 3221-1841
ifjuvenil_ma@yahoo.com.br

Instituto de Pastoral de Juventude Leste 2
Rua São Paulo, 818, 12º andar - sala 1203
CEP: 30170-131 - Belo Horizonte/MG
Fone: (31) 3226-9592
ipjlesteii@yahoo.com.br
www.ipjleste2.org.br

Instituto de Pastoral de Juventude
Rua Alegrete, 400 - Bairro Niterói
CEP: 92120-170 - Canoas/RS
ipj@ipjrs.org.br
www.ipjrs.org.br

Instituto Paulista da Juventude
Rua Municipal, 950 - Vila Ré
CEP: 03661-000 - São Paulo/SP
Fone: (11) 9826-8213/ 9901-8767
ipj@terra.com.br
www.ipejota.org.br



SUMÁRIO

Apresentação.....	03
Introdução.....	05
TRILHA 01 - TECENDO NOVAS RELAÇÕES	
1º Ponto - Reduzir, reaproveitar e reciclar: por uma nova relação com a natureza.....	10
2º Ponto - Mulheres e Homens: tecendo novas relações.....	19
3º Ponto - Diversidade: Nossa maior riqueza.....	27
TRILHA 02 - PASSOS EM DIREÇÃO ÀS RELAÇÕES DE PAZ	
1º Ponto - Por uma cultura da paz.....	34
2º Ponto - Felizes os/as que promovem a paz!.....	40
3º Ponto - Viva as diferenças culturais!.....	45
TRILHA 03 - GLOBALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO	
1º Ponto - Globalização: o que é preciso globalizar?.....	54
2º Ponto - Nas tramas da comunicação.....	62
TRILHA 04 - PARTICIPAÇÃO POPULAR E POLÍTICAS PÚBLICAS	
1º Ponto - Sonhar um mundo sem males.....	68
2º Ponto - O caminho para um outro mundo sem males.....	74
3º Ponto - Vivendo a terra sem males.....	78
TRILHA 05 - MUNINDO-NOS PARA UM SERVIÇO INTELIGENTE DA FÉ	
1º Ponto - Maracutaia da conjuntura.....	84
2º Ponto - Fé e Política.....	93
ANEXOS GERAIS.....	101
Coleção: Na trilha do grupo de jovens.....	109
Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude.....	111